

FERNANDO PESSOA

- O ROMANCE -

SÓNIA LOURO

Este livro não segue as normas do novo Acordo Ortográfico



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

AGRADECIMENTOS

Todas as grandes obras só se fazem com o auxílio de grandes pessoas. Em extensão, esta é uma obra grande, mas todo o auxílio que recebi foi de grandes pessoas. Quero agradecer à minha amiga mais antiga, Carina Amorim, pela ajuda que sempre me dá a rever o texto, e a uma outra querida amiga, Sónia Rodrigues, por me clarificar algumas traduções necessárias. Coincidentemente, ambas são apaixonadas por Fernando Pessoa. Agradeço ao meu marido, Edgar Costa, que me aturou todos os dias seguintes às noites em claro que passei, pois no decorrer da escrita deste livro, tal como Fernando Pessoa, padeci de muitas insónias e, tal como ele, aproveitei-as para escrever. Agradeço também a Jerónimo Pizarro e a José Paulo Cavalcanti Filho pela disponibilidade para lerem o “manuscrito” e pelos seus reparos.

NOTA

Fernando Pessoa escreveu sob o heterónimo de Alberto Caeiro:

*“Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra todos os dias são meus.”*

Eu creio que não há nada de mais difícil. Entre episódios que tive de sacrificar para não tornar esta obra gigantesca, fiquei sempre com a sensação de que algo se perdia. Se a vida de Fernando Pessoa não foi rica em acontecimentos, foi, contudo, sobejamente recheada de densidade emocional, psíquica e intelectual. É difícil, e sempre limitativo, passarmos para o papel a alma de uma pessoa. O que dizer então de quatro almas, seis, sete...?

Para poder aproximar-me o mais possível da essência de Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro, utilizei, sempre que algum deles se imiscuía na vida de Fernando Pessoa, frases que os próprios terão “dito”. Todos os diálogos dos heterónimos são retirados de poemas ou textos em prosa escritos por Fernando Pessoa sob o nome de cada um deles.

Creio que Álvaro de Campos é o heterónimo mais presente na vida de Fernando Pessoa, pois nenhum outro foi designado na vida real para ir a encontros no lugar do ortónimo ou de escrever cartas ou artigos de

defesa e/ou ataque como aquele. Por isso, dei-lhe uma dimensão maior do que aos outros neste romance. Além de Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, considere outros heterónimos, como Alexander Search, A. A. Crosse ou *Chevalier de Pas*, entre outros. Oíço já vozes levantarem-se para rebaterem que heterónimos, como o próprio Fernando Pessoa disse, eram só três: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Contudo, o mesmo Fernando Pessoa também escreveu:

“Nunca me sinto tão portuguesmente eu como quando me sinto diferente de mim — Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa e quantos mais haja havidos ou por haver.”

E quantos mais haja, havidos ou por haver, foi tudo o que tentei escrever.

Ao Edgar, o meu outro eu.

*Invejo — mas não sei se invejo — aqueles de quem se
pode escrever uma biografia, ou que podem escrever a própria.*

Bernardo Soares

*Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra todos os dias são meus.*

Alberto Caeiro

*Pouco a pouco o passado recordemos
E as histórias contadas no passado
Agora duas vezes Histórias, que nos falem
Das flores que na nossa infância ida
Com outra consciência nós colhíamos.*

Ricardo Reis

E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Alvaro de Campos

*Quantas vezes a memória
Para fingir que inda é gente,
Nos conta uma grande história.*

Fernando Pessoa

CAI CHUVA DO CÉU CINZENTO

1888 a 1904

“Desde hoje estou só.”¹

Sei perfeitamente que não há qualquer espécie de verdade nesta frase, por isso mesmo a escrevo. A razão por que esta frase não tem qualquer espécie de verdade é, primeiramente, porque não tem qualquer espécie de verdade. E isso é uma coisa autenticamente verdadeira. Em segundo porque: “toda a verdade só está na vida e não no descrevê-la.”² E, por fim, porque só estive eu desde sempre. Por isso, podeis estar certo que desde hoje estou só.

¹ Carta para a mãe, Primavera de 1907?, in <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=7347>.

² Fernando Pessoa, *Correspondência Inédita*.

Desde hoje estou só, escrevi eu um dia à mamã, mais querida para mim do que algum dia eu fui para ela. Outrora, criança, via-me reflectido na humidade azulácea dos olhos da mamã, completamente desprovido da consciência de que aquele momento era irrepetível. O momento quase palpável em que o seu sentimento por mim era tão vívido quanto aquele azul que me mirava ou o som metálico do aro daquelas outras crianças que brincavam lá fora e que eu via através do gradeamento de ferro da janela. Era a janela por onde eu via o mundo, ou acaso seria uma outra. Não, era esta. Era a mesma por onde observei o féretro do meu pai afastar-se. Era a janela por onde observei tudo até já não ter nada que observar ou razão por que observar. Observava tudo como a um mistério, como a alma de criança observa. Observava até que o mistério esmoreceu, ou, porventura, a janela. A janela é hoje outra, por mais que eu tente que seja a mesma.

Recordo a laje da janela, era fria e eu cria. Cria em coisas que hoje já nem sei, mas que recordo e já nem choro. Recordo as palavras que trocámos, a mamã e o seu menino, que relaciono vagamente comigo. Essa ideia vaga é um ténue fio de Ariadne para mim mesmo, que já alguém cortou. Recordo também com a mesma saudade as outras, as palavras que não trocámos, mas que lhe enviei por vapores lentos percorrendo mares lentos entre as duas grandes margens que nos apartavam. Nada regressou. Memórias, tristezas, manhãs de luz baça após uma madrugada de chuva, o prazer de lhe ter escrito... tudo se perdeu. Tudo se perdeu, não no vórtice do tempo e das mudanças que tudo suga para o fundo de

um lugar sem endereço, mas simplesmente porque eram minhas. Eram minhas as palavras e as cartas e a mamã nada guardou daquele tempo que ficou por ter sido escrito.

Por um paradoxo filial, aqui mesmo, guardo-as todas. Guardo até hoje todas as cartas que ela me escreveu quando a nossa separação se tornou também geográfica. Contudo, quando ela regressou a Portugal com todos os seus haveres encerrados naqueles baús magoados de viajante perdida, a verdade desatou-se sobre mim como uma manhã sobre a cidade: eu perdera a mamã muito cedo, naquele dia, nos seus olhos azuis, à janela.

Nem uma folha amarrotada, que arrependida e saudosa do filho tivesse salvado do desaparecimento eterno, aqueles baús pesados escondiam. Não voltarei a dizer aquelas palavras que lhe escrevi. Ninguém voltará a lê-las, a começar por ela que provavelmente nunca as releu. Resta-me o consolo de pelo menos as ter lido. Isso já é alguma coisa.

Desde hoje estou só, escrevi eu um dia à mamã. Já vo-lo tinha dito? Escrevi-o num dia com lágrimas em que os meus olhos me ardiam e as palavras me fugiam, mas estas estão hoje tão mortas quanto podem estar as palavras que nunca foram lidas. Estas palavras não morreram porque a mamã as deitou fora, estariam assim, talvez, menos mortas, porque ao menos uma vez alguém as teria lido. As palavras estão mortas porque nunca as enviei. Para quê enviá-las? Do que me teriam servido? Estou só e pronto!

Que dia é esse hoje que escrevi? O dia em que o meu pai morreu, quando eu tinha cinco anos? Ou seria um dia do ano seguinte, quando o meu irmão morreu? Ou terá sido quando, com sete anos, julguei que via morrer a minha pátria à medida que o vapor se afastava do cais? Ninguém me dirá que dia foi e eu não saberei qual foi.

Sei, contudo, que um dia desci da montanha onde me tinha isolado e junto aos vestígios dos meus passos lentos deixados no solo apareceram outros. Tinha seis anos e olhei para trás e vi o *Chevalier de Pas*. Soube, instintivamente, que não era ninguém para eu amar ou que nas sombras me amaria, mas que sozinho na noite me faria companhia ao mesmo tempo que tornaria maior o silêncio por trás de todas as portas cerradas. “Eu não precisava de bonecas para conceber intensamente essas figuras. Claras e visíveis no meu sonho constante, realidades exactamente humanas para mim, qualquer boneco, por irreal, as estragaria. Eram gente.”³

Tinha seis anos, já vo-lo disse. Por vezes, há acontecimentos de ontem que não me recordo ou que são vagos, como o café que tomei ontem

³ Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*.

com o Almada, na Brasileira, a do Chiado, claro, que a outra é uma Brasileira inferior, uma “vil cova ou jazigo de utilidades e propósitos artísticos que dá pelo nome humano de Brasileira do Rossio”⁴. Por outro lado, há acontecimentos da minha infância que recorro com a precisão de um relógio suíço, tal como o dia em que vi o meu *Chevalier de Pas* — sim, era meu tanto quanto um sonho o pode ser.

Existem também objectos que me fazem regressar a determinados lugares da minha vida onde era meu hábito usá-los. Por exemplo, sempre que vejo um lápis Koh-I-Noor regresso ao meu tempo de universitário em Lisboa, mas neste caso porque nunca os usei. Não queria ser associado àquele molhe de gente comum, imberbe e sem ideias próprias que os usava. Mas há o fumo de um determinado cigarro que já fumei ou os vapores alcoolizados de uma bebida que em determinada época bebi que me fazem, através dos seus odores leves, reviver o passado — o cheiro do absinto faz-me sempre lembrar do Sá-Carneiro. Contudo, quando o cacau roça as minhas pupilas gustativas, sobe por mim uma avalanche de recordações de infância, tão devastadora quanto se aquela descesse a encosta habitada de uma montanha. Não passa de uma pequena e simples barra de chocolate comprada na Casa Suíça, mas à medida que desaparece na minha boca, aparece na minha memória, alegre naquele momento pela recordação, o *Chevalier de Pas*, o meu soldado de chumbo que não era soldado nem era de chumbo, mas que foi o meu companheiro de infância, tão fiel e presente quanto o soldado de chumbo de uma outra criança.

A barra de chocolate da Regina derrete-se sobre a língua e, indiferente a que não fosse essa a marca da minha infância, misturam-se na minha boca o sabor amargo do chocolate negro e das lágrimas que imagino chorar, misturando-se às memórias de uma infância perdida e perfazendo uma amálgama que mastigo, acreditando relembrar um passado feliz. E revejo o *Chevalier de Pas* como da primeira vez.

Ele disse-me que era um cavaleiro e ainda hoje vejo rebrilhar nos meus olhos os pequenos anéis de ferro da sua túnica metálica, cingida ao corpo por um cinturão castanho mais largo do que a minha mão de criança e a maciez do chocolate suaviza a minha dor que vou trincando aos poucos. Trazia um elmo, segurava-o entre o braço e a cintura. E tinha uma capa vermelha. Disse-me que era o cavaleiro de pá. Não percebi imediatamente o seu nome. Pensei que seria o Cavaleiro do Paço; mais tarde, quando o tornei a ver, disse-me que era o Chevalier de Pá. Só de-

⁴ Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, 28 de Junho de 1914, in *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*.

pois de entrar na *Saint-Joseph Convent School*, e aprofundar o Francês que a mamã me ensinara ainda em Lisboa, é que percebi o nome daquele meu amigo: *Chevalier de Pas*. O sabor morno do chocolate esmoreceu como o de uma água que se escoou pelo ralo e, entre os dentes sem nada para trincarem, desfizeram-se as memórias.

Era o Cavaleiro do Nada, disse, tentando segurar aquela memória com o mesmo desespero de quem quer deter a água entre os dedos. Senti-me, nessa altura, ainda mais próximo dele. Ele era nada como eu que nada era.

Mesmo a memória do gozo do chocolate desaparecera, restava-me a consciência amarga e absurda de não ser nada.

— “Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada.”⁵

— “Nada fica de nada. Nada somos.”⁶

— “Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos.”⁷

Olhei para eles como se estivesse a ver fantasmas saídos de uma espécie de inferno de Dante: o meu passado. À parte Campos, de quem não me conseguia ver livre, como podiam Caeiro e Reis estar aqui? Eu não tinha matado um com tuberculose e exilado o outro no Brasil?

“Sempre achei impossível escrever na minha própria personalidade; sempre dei por mim, consciente ou inconscientemente, a assumir o carácter de alguém que não existe e através de cuja mediação imaginária escrevo.”⁸ Sentiria e pensaria eu através deles também? Entranhavam-se em mim como larvas num cadáver. Só me deixariam quando me devorassem por completo, quando já não existisse, quando passasse a não ser nada, o nada. Eram entes diversos em mim. Percebi o seu intento, pretendiam que eu fosse diverso dentro deles. Enquanto eu não estivesse completamente destruído, comeriam até ao último desperdício de mim. Escarafunchariam até ao nada, mas isso eu já era.

⁵ Poema *A Tabacaria*, de Álvaro de Campos.

⁶ *Ode Nada fica de nada. Nada somos*, de Ricardo Reis.

⁷ Poema II de *O Guardador de Rebanhos*, Alberto Caeiro.

⁸ *Fernando Pessoa, Correspondência Inédita*.

É noite.

Agora é noite. A noite assemelha-se ao nada e tenho a impressão de que é sempre noite. “Sempre, depois de depois, virá o dia, mas será tarde, como sempre. Tudo dorme e é feliz, menos eu. Descanso um pouco, sem que ouse que durma. E grandes cabeças de monstros sem ser emergem confusas do fundo de quem sou. São dragões do Oriente do abismo, com línguas encarnadas de fora da lógica, com olhos que fitam sem vida a minha vida morta que os não fita.”⁹ Minto sabendo que minto, mas certo de que acredito. Não são dragões do Oriente do abismo que me fitam. As suas línguas são vermelhas, mas os seus olhos não me fitam sem vida, decerto não todos. São as cabeças, os corpos, eles todos por inteiro, são o Caeiro, o Reis e o Campos. Podem ser sem vida os olhos dos dois primeiros, pois são sempre sem vida os olhos de um morto e os de um exilado da pátria, mas os do Campo são vivos, porque são vivos os olhos de um vencedor e ele vence-me. Sempre me vence.

⁹ Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*.

Somos todos nada, como bem dizia o Dr. Reis, mas eu ainda não sabia essa verdade quando conheci o Cavaleiro e não é à humanidade que me refiro, é apenas a mim. Com ele, a criança sozinha tinha companhia. A minha lucidez cega de criança aprendera que a vida desmoronava a qualquer momento, mas ainda me faltava perceber que ela nunca se volta a erguer. Deixava para trás mais do que podia alcançar, uma quietude de alma que não voltaria a ter: a placidez dos fins de tarde embalados pelos carrilhões da Igreja dos Mártires — eram talvez outros, não, eram com certeza esses —, a mesa posta para o chá em chávenas de porcelana da China — sabeis que toda a vida cabe numa paisagem de uma chávena de chá chinesa?¹⁰ —, a meia-luz do resto de dia filtrada pelos cortinados e toda a atenção das criadas, das tias, da avó e da mamã. Foi assim durante quase dois anos e meio. O mundo era eu.

Agora sou nada. Há algum consolo nestas palavras, pois se agora sou nada, há a certeza intrínseca, pelo menos a impressão, de que terei sido outra coisa em algum momento, mesmo que breve. Talvez alguma coisa que valesse a pena. Contudo, agora, não me resta nada mais do que não fazer nada mais. Mas há, porventura, algo mais que posso fazer. Posso acreditar que um dia não fui nada. Esse dia foram todos os dias antes de perder a mamã, aquele dia muito cedo em que me vi reflectido nos seus olhos sem saber que era feliz até então e que a felicidade tinha chegado

¹⁰ Adaptado de *Fernando Pessoa, Correspondência Inédita*.

ao fim. Era feliz e deixei de o ser mesmo sem ter tido consciência disso durante o processo.

A mamã casou-se no fim do ano de 1895 com o noivo ausente, no mesmo dia em que completou 34 anos. Até então os seus olhos eram tristes e melancólicos, mas eram apenas meus e nada mais me interessava. Após a morte do meu pai, com dois filhos nos braços, deve ter pensado que não se casaria, ou, pelo menos, não voltaria a fazer um bom casamento. Talvez a morte do meu irmão tenha ajudado a que o conseguisse. Naquele dia, o do casamento, foi como se voltasse a viver. Percebi então, ou percebi depois, que entre a morte do meu pai e o casamento com o meu novo papá, ela não passara de um cadáver adiado. Eu olhava-a, dividido entre o deleite de ela ser só minha e o sentimento de culpa do sobrevivente. A partir dali, a depressão dela era a minha. E sempre assim foi, mesmo depois de ela ter morrido.

A mamã voltou a viver a partir do segundo casamento, mas a minha depressão que nasceu da dela nunca terminou e a partir daí cresceu em mim um tédio das emoções. Não obstante, nunca deixei de amar, pois nunca deixei de a amar, mas desde essa altura sempre tive o cuidado de não converter o afecto em amor. Nunca foi falta de paciência ou incapacidade para amar e me fazer amar. O esforço é que era totalmente desprovido de sentido. Existe prazer na dor, mas existe do mesmo modo um limite para o prazer que conseguimos suportar. Além disso, não posso imaginar nada mais entediante, depois de viver, do que amar e esperar pela recíproca.

Em Janeiro do ano seguinte, em 1896, partimos para Durban: a mamã, eu e o *Chevalier de Pas*. O tio Gualdino também foi, mas se não fosse o *Chevalier de Pas*, os trinta dias de viagem ter-me-iam parecido trezentos. Deixava um lugar para chegar a outro e nessa linha que unia Lisboa a Durban sentia em mim a vertigem do novo, a náusea do desconhecido e quem sabe do mar. Em verdade, era a náusea causada pela opressão do mar e do céu, que se uniam até ao infinito, e a do abandono do lar onde eu era a pessoa em torno da qual as outras se moviam. Percorri a bordo do *Harwaden Castle* — nome muito apropriado para a companhia do *Chevalier de Pas* — essa linha móvel que separava o mundo conhecido do desconhecido ao mesmo tempo que sentia a minha infância a passar. Restava-me o consolo de pensar: quantas crianças terão visto a sua infância passar a bordo de um castelo e na companhia de um cavaleiro? Apenas eu. Era apenas eu...

Tremia então só de pensar na viagem, tremo ainda hoje ao recordá-la. O arrepio do medo daqueles trinta dias ainda me assombravam, por vezes, as noites de insónia.

Qual cavaleiro, o tio Gualdino acompanhou-nos até Durban para proteger a reputação da minha mãe. O meu cavaleiro acompanhou-me também toda a viagem para proteger o resto da minha infância que partia em alto-mar, deitada pela chaminé com o fumo do vapor. A minha mãe estava demasiado enlevada nos seus devaneios de novamente recém-casada e na expectativa de reencontrar o seu marido por procuração.

Recordava o olhar da minha mãe nessa altura, era como se estivesse sempre distante — os olhos dela chegaram a Durban antes de o *Harwarden Castle*. Não conseguia recordar os do tio Gualdino, Taco para mim, no momento da despedida, em Durban. Recordava, contudo, a cor das flores, o comprimento das sombras mortas sobre o alinhamento de calçadas, casas e bancos de jardim pelas ruas que iam dar ao circo onde todos os domingos o Taco me levava porque eu lhe pedia. Ele e a minha tia Maria Xavier não tinham filhos e já tinham passado da idade em que ainda existe essa possibilidade. Afeiçoaram-se, por isso, à ideia de me terem assim que souberam que a mamã se casaria. Isso não me magoava, mas entristecia-me saber que a mamã ponderou começar sozinha uma vida nova, como se eu fosse um empecilho para a sua felicidade. Eu que deveria ser toda a razão da mesma.

Durante a viagem, a mamã apertou muitas vezes o seu rosto contra o meu, quando o meu maior desejo era que me apertasse contra o seu coração. Deveria ter percebido então que ela não me amava. “Se eu não poderia viver senão acarinhado, por que deitaram fora o meu carinho?”¹¹ Contudo, na minha desolação de criança triste, que nem isso sabia ser então, havia a consolação de me ser permitido estar a seu lado.

De facto, podia dizer que ganhei essa permissão. Com o Taco e a tia Maria Xavier a quererem-me para si, com a tia Anica a desejar o mesmo, como poderia não ser esse também o desejo da mamã? Porque não me queria ela para si? No momento em que ela me consultou, soube que era uma batalha de vida ou de morte e, instilado de coragem pelo *Chevalier de Pas*, escrevi:

“À minha querida mamã:
Eis-me aqui em Portugal,
Nas terras onde eu nasci,
Por muito que goste dela,
Ainda gosto mais de ti.”

Pedi-lhe perdão depois por tê-la tuteado no poema, mas nunca pedi

¹¹ Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*.

perdão à criança por tê-la enganado e tê-la feito entrar numa batalha que julgava ser de vida ou de morte, quando na realidade era de morte ou de morte. A criança que eu era morreria sempre naquele campo de batalha.

A mamã beijou-me na testa e, mais uma vez, encostou o seu rosto ao meu. Eu acabava de conquistar o direito de estar com ela e esse era o maior prémio que a minha poesia algum dia me daria.

Durante toda a viagem, sonhei com o comandante, o marido da minha mãe, aquele que me preferia longe, em suma, o meu novo papá. Ele não ocupava os sonhos que eu tinha dormindo, mas os que eu sonhava acordado. Pelo meio de paisagens perplexas que eu julgava serem as africanas, entre personagens dramáticas, rios cujo nome ignorava, e continuei ignorando, e luzes baças de dia em que choveu ou trovejou, eu sonhava o comandante. Já o tinha visto, mas não me lembrava dele.

O *Hawarden Castle* tinha um calado muito fundo para poder entrar no porto de Durban, fazendo com que as praias e o cais longínquos se mantivessem inalcançáveis por mais tempo. O *Chevalier de Pas* conseguiu ocupar o último lugar disponível na chalupa que nos levaria para terra. Olhei para a margem na minha frente, não reconheci na floresta brilhante o casario branco de Lisboa e as pequenas hortas para o lado da Amadora. Apesar do sol mais quente, do recorte das praias na costa, da cor e do som de várias aves que eu já conseguia ouvir, o meu olhar estava mais saudoso do que curioso naquele momento em que a chalupa calcorreava a pequena ondulação até ao cais. Quando desembarquei, percebi que era melhor, e até mais real, sonhar com o comandante à espera no cais, do que desembarcar nesse mesmo cais junto ao comandante.

A luz baça de dia em que choveu ou trovejou era a mesma dos meus sonhos acordados, mas o comandante não me podia parecer mais vago do que seria se sonhado, apesar do aspecto robusto, gordo até, do rosto quadrado e do bigode tão cheio quanto as suas carnes. Aquela imagem contrastava com o ar etéreo de quem pertence já a outro mundo, como o meu pai, mas era o comandante que me parecia onírico, pensei, desembarcando com o *Chevalier de Pas*, apertando a minha mão na dele.

Tal como não me recordava do olhar do Taco para mim aquando da despedida naquele cais, também não me lembrava do do comandante, que passei a chamar papá. Apenas me recordava do da mamã e dolorosamente me lembrava de que ela estava feliz. Para ser completamente franco, havia um certo prazer neste sofrimento, pois eu não podia ser alheio à felicidade da mamã. Ela estava cansada de estar só e agora já não continuaria só. O que me causava dor, o que me esfrangalhava os nervos, era a minha companhia não ser suficiente para ela não sentir esse cansaço de estar só. E eu fiquei ainda mais cansado.

Como já disse, não me lembrava dos olhares do Taco ou do comandante, mas também havia coisas que não me recordava ter escrito. Por exemplo, “encontro às vezes, na confusão vulgar das minhas gavetas literárias, papéis escritos por mim há dez anos, há quinze anos, há mais anos talvez. E muitos deles me parecem de um estranho; desreconheço-me neles. Houve quem os escrevesse, e fui eu. Senti-os eu, mas foi como em outra vida, de que houvesse agora despertado como de um sono alheio”¹². Era isso. Era como se me desreconhecesse até nas minhas lembranças.

Houve também quem sentisse as emoções da minha infância perdida em África, muitas vezes pensava que não fui eu. Tenho a impressão que toda a minha infância está em Lisboa, mas mesmo essa já não sei quem a sentiu. Ainda hoje não sei quem sente o que eu estou sentindo.

Mesmo as minhas recordações me parecem ser de outras pessoas. Talvez por isso existissem coisas que recordo e tantas que me fugiam nas malhas da memória, mesmo quando estava a comer um bombom de chocolate ou a beber um copo de absinto — há muito que não bebia absinto, fazia-me mal ao fígado. Havia os acontecimentos de África: não sabia se os tinha esquecido ou se apenas os atirara para o fundo de um poço sem fundo. A frase parece absurda, mas apenas significava que essas lembranças continuavam em queda dentro de mim, talvez ainda me fosse possível apanhar algumas. Sabia que nada disto tinha qualquer sentido, por isso mesmo continuava.

Seria de esperar que o tempo provocasse o esquecimento progressivo, mas já percebi que esse esquecimento é selectivo, embora não sinta qualquer intervenção nessa escolha. “Tudo se me evapora. A minha vida inteira, as minhas recordações, a minha imaginação e o que contém, a minha personalidade, tudo se me evapora.”¹³ Tudo. Mas há acontecimentos, locais, nomes de ruas que aparecem na minha memória como que a flutuar na massa escorregadia das outras recordações que se perdem e que não sei ao certo se são minhas, do Ricardo Reis, do Álvaro de Campos ou do Alberto Caeiro, ou se são aquelas que, desde que se criaram, continuam em queda para o fundo do tal poço que não tem fundo. “Esqueço-me indefinidamente, esqueço mais do que podia lembrar.”¹⁴

¹² *Ibidem.*

¹³ *Ibidem.*

¹⁴ *Ibidem.*

Há dias, melhor, há noites, em que as memórias me afogam no mar que é a minha cama e sinto-me um naufrago agarrado como última esperança ao meu cobertor como a um toco. O Chevalier de Pas não vem em meu auxílio porque já não sou criança, embora me sinta mais indefeso do que então. Mas nessa altura era feliz porque não tinha consciência de nada: da minha fragilidade, da minha solidão e do amor que era meu e me levaram. Sou mais indefeso agora porque sei que o sou, era feliz então porque não sabia que o era.

Naufrago das minhas próprias memórias, nado por elas como se dormisse, mas estou acordado e contor-no-as como a ilhas onde habitassem piratas cruéis ou feras terríveis de várias cabeças com o dom de dormirem e despertarem à vez. Continuo, pois gosto de pensar que sou eu quem escolho as ilhas onde aporto, mas lembro-me e relembro-me e vejo que o mar que nado não me pertence, as memórias não são minhas e tudo não passa de uma insónia sem fim. Afinal não escolho nada e desperto como se tivesse dormido.

Os outros esperavam que eu chorasse, talvez naquela altura eu tivesse chorado por isso, talvez por me evocarem a morte do meu irmão Jorge e todo o tempo para trás disso: o tempo em que ninguém tinha morrido e em que eu era o único menino da mamã. Esperavam que eu chorasse e, como disse, talvez eu tenha chorado por isso, tinham esperanças por mim e talvez eu as tivesse tido por causa deles, tal como as lágrimas que hoje não me recordo.

Contudo, havia memórias que se repetiam como as paisagens repetidas de uma viagem de comboio. Por vezes, essa paisagem inútil de uma viagem simples não é mais do que um nome de rua: *157, Ridge Road, West Street*. Era a morada da *Tersilian House*, sede da Chancelaria Portuguesa em Durban, onde o meu padraсто era cônsul interino e que por acaso também era a nossa casa, ou melhor, a casa da minha família onde eu também morava. Não era o sossego do bailado lento dos ramos de sicómeros que via através da janela, ou a lembrança da grafonola a tocar e a voz da mamã por cima a embalar os mais novos que recordava ou me enternecia. O que me lembrava era daquele intruso que se sentava à mesa disposta para o chá, que se imiscuía nos gestos da família, que usava os móveis da casa como se lhe pertencessem ou tivesse algum direito sobre eles, que brincava com os mais novos como se fosse parente deles. Aquele intruso era eu.

Aquela era a principal rua do centro de Durban, nela ficava também a minha primeira escola, a *Saint-Joseph Convent School*. Era uma escola de freiras num edifício antigo, austero e soturno. Ainda hoje, todo o es-

paço que há entre a insônia e o sono me parecia também assim: antigo, austero e soturno. Lá não fiz nenhum amigo, tal como não os fiz em lado algum, mas lá fiz a minha primeira comunhão.

“É uma criança que gosta de se isolar”, ouvi repetidamente ao longo da minha infância e adolescência. Diziam-no as freiras, os meus pais, mais tarde os professores da *Durban High School*. Em verdade, creio que fiz na *Saint-Joseph Convent School* em dois anos o que deveria ter feito em quatro e na *Durban High School* em três o que se fazia em cinco. Por isso, porque nunca me dei bem com os amigos que nunca fiz. “Gostava de brincar só e sentia muitos impulsos de raiva, de quase ódio, e muito medo.”¹⁵ Mas nunca me isolei, pelo menos não da vida imaginária.

Ainda na escola de freiras irlandesas, conheci o *Capitaine* Thibaut. O *Capitaine* era um rival do *Chevalier*, mas tornou-se uma memória esquecida a razão dessa rivalidade. Talvez tivesse sido eu o motivo da discórdia entre eles, tal como gostava de ter sido entre a mamã e o papá, mas a mamã estava sempre do lado do comandante, até mesmo quando ele me chamava de “teimoso manso”. Sinto a falta de ambos, do *Capitaine* e do *Chevalier*.

Havia ainda a recordação de muitos momentos monótonos e tristes e de outros, ainda que monótonos, mais tristes. E havia também a memória das tempestades africanas e, tal como se eu fosse um boneco de corda, de algo se quebrar dentro de mim numa dessas grandes tempestades.

¹⁵ Adaptado da carta escrita por Fernando Pessoa “*C'est (sans aucune doute) un neurasthenique vésanique*”, in Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa*.

Agarro a barra do cobertor e aperto-o de tal forma que os nós dos dedos se tornam brancos. Ao menos eu penso que sim, pois a luz frouxa exalada pelo candeeiro a gás da rua e coada pelo cortinado grosso, mergulha o meu quarto na mais profunda escuridão. Não creio que todas as escuridões sejam parecidas em todas as noites, mas a de hoje é igual a uma outra que vivi na 157, Ridge Road, West Street. Concentro-me na escuridão, como se já não estivesse no quarto e sim noutra e oiço notas dedilhadas ao piano. É a mamã... Mesmo de olhos fechados posso perceber que são os seus dedos que tocam aquele teclado não sei onde. Fecho as pálpebras com mais força, criando rugas na testa e em torno dos olhos. Sinto as pontas dos lábios erguerem-se de puro deleite. É a mamã a tocar uma área de Wagner ao piano. De olhos fechados, num silêncio escuro, pode-se estar em qualquer lado. Eu retorno a Durban e oiço a mamã.

Estava à janela e relembrava uma outra, alta, numa margem distante dali — já nessa altura as recordações me perseguiram. Era o pregão imaginário que subia rapidamente nos meus pensamentos, ou o pano do pó que uma criada languidamente sacudia. Lembrava-me deles sem a certeza clara de alguma vez os ter ouvido, mas devo ter ouvido.

O piano já se tinha silenciado havia muito, a casa estava escura e já adormecida, mas eu não sentia medo, porque tinha por mim a espada de um cavaleiro ou de um capitão. Nunca ambas, mas eu não sentia medo. O meu anélito espalhava-se sobre o vidro, despertando-me do meu recolhimento quando o esplendor reluzente da encosta, raramente arborizada, do monte *Bluff* ficava nebulado. Com a meticulosidade de relojoeiro, puxava o punho da camisa e limpava a névoa como se apagasse a paisagem.

Fixei-me em *The Point*, o lugar onde o *Bluff* terminava e começava o mar. À noite, sob o imenso luar de África — eu não sou apreciador de luas, mas talvez o fosse então —, o monte *Bluff* tornava-se ainda mais brilhante e o mar mais negro. Porém, quando havia uma tempestade, quando os raios e coriscos mergulhavam para terra, era como se o mundo — porque o mundo era então, e ainda hoje, tudo o que eu posso ver da minha janela — se alumiasse por inteiro com uma luz forte e branca. Depois o silêncio e a escuridão, por fim o trovão. O vidro da janela voltava a nebular-se com a grande exalação da minha respiração retida.

Gostava de quedar-me junto às vidraças e ver os raios abrirem estradas brilhantes e brancas no horizonte escuro. Em verdade, faziam

lembrar-me um rio. Um rio desenhado num mapa, com todos os seus afluentes e correndo em direcção ao mar. Por vezes, era o *Capitaine Thibeaut* quem me acompanhava mas, naquele dia, era o *Chevalier de Pas*. Tal como eu, esbarrachava o nariz no vidro enevoando-o com a sua respiração, também ele enlevado por aquela beleza indómita.

Os relâmpagos acendiam o horizonte de brilhos fantasmagóricos e sinistros. Mas era belo. Podia sentir a presença de Deus — porque então ainda acreditava nele e nem sei se desacreditei por completo. Era como se o trovão fosse a respiração de Deus e o relâmpago o olhar. Veio a chuva e roubou ao momento a perfeição que eu lhe via.

Seria a chuva as lágrimas de Deus? Interroguei-me porque eram elas frias e doces, enquanto as minhas eram mornas e salgadas. Os raios voltaram mais intensos e caíam agora em simultâneo com os trovões e a minha pergunta foi levada para longe. Senti a trovoada como se caísse no telhado da minha casa, fazendo tremer os alicerces. Depois senti-a no meu próprio peito. Tinha a trovoada inteira dentro de mim.

Os relâmpagos ramificavam-se no firmamento como árvores que caíssem do céu. Quis dar um passo atrás na trincheira da minha janela. O *Chevalier de Pas* recuou, mas o meu corpo não se moveu. “O meu coração batia como se falasse.”¹⁶

Num rio desenhado num mapa, não se pode adivinhar as consequências das suas cheias no Inverno. O trovão ribombou menos de meio segundo após o céu ter-se rachado em vários pedaços, o vidro estremeceu dentro dos caixilhos e um relâmpago sem limites caiu sobre a *milkwood tree* do meu quintal.

Para lá do nevoeiro morno das nossas respirações na vidraça, vimos um raio abater-se sobre a árvore e rachá-la. O tronco ficou dividido em dois, cada um apartado para seu lado, escurecido pelo corisco que acabava de o queimar.

Dei um salto para trás, as costas altas de uma das cadeiras da sala ampararam-me, enquanto a boca se abria num pasmo de terror. Os ramos negros fenderam-se e incendiaram-se. A maioria desfez-se ou foi projectada, enquanto o tronco espesso de soldado centenário se mantinha de pé enquanto morria. Era a guarda avançada do banco de jardim que aquela árvore nunca tivera e no qual nunca mais ninguém se sentaria. Era o fim da minha contemplação inútil às tempestades africanas, mas o início de uma fobia, tendo por sentinela aquele soldado carbonizado que teimava em não cair.

Não voltei a ver o *Chevalier de Pas*. E o *Capitaine Thibeaut* tinha

¹⁶ Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*.

também desaparecido. Receei por eles, temi que um raio os pudesse ter apanhado. Por vezes, hoje, ainda receio.

Passei a temer as tempestades africanas e todas as outras e até as chuvas de Abril.

Aperto com força a almofada com a minha cabeça, sentindo-a contra o meu rosto como se fosse pele de gente a fronha que me aconchega. Debaixo do peso da minha cobertura, tenho de vez em quando a sensação de os ouvir respirar. Hiperventilam, os seus olhos pestanejam como as asas de uma mariposa. Enquanto os meus estão imóveis, cerrados como se estivessem mortos, sem luz, fechado dentro de mim tentando encontrar o lugar mais escuro. Falta tanto para ser manhã, tanto nas minhas recordações em Durban como aqui em Lisboa, e serei despertado para a estupidez da vida sem nunca ter chegado a dormir. Ou não passará a minha vida de um sonho e raras vezes terei estado desperto?

Tive de crescer sem os meus amigos rivais, sem o meu pai, sem Lisboa e até sem a mamã, e mesmo a árvore carbonizada do quintal me tiraram. Foi nessa altura que conheci Alexander Search. “No correio não havia notícia da carta que ninguém haveria de escrever.”¹⁷ Alexander Search escreveu-as todas, tornando os meus dias menos longos e aborrecidos.

“Ah, não há saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram!”¹⁸ Nem lembranças mais verdadeiras daquilo que nunca aconteceu. Lembrava-me — e lembrava-me porque acontecera, mas poderia lembrar-me de igual modo, nem com menos nem mais intensidade, se não tivesse acontecido — do meu primeiro regresso a Portugal. Foi em Setembro de 1901, no pacote cujo nome ainda recordava, não sei se todos os dias, mas hoje sim, *König*.

Tinha 13 anos, prestara, no mesmo mês do meu embarque, a prova *School Higher Certificate Examination*, concluindo assim os meus estudos secundários. A minha irmã Madalena Henriqueta tinha falecido com meningite, em Junho desse ano com menos de três anos, e viajava connosco.

A brisa marítima chicoteava-me os olhos humedecendo-os, tornando ainda mais difícil perceber se era a morte daquele bebé o que me doía ou sentir que, mesmo já não pertencendo a este mundo, ela pertencia

¹⁷ *Ibidem.*

¹⁸ *Ibidem.*

mais àquela família do que eu alguma vez, por mais anos que vivesse, pertenceria.

Eu era “igual aos outros sem semelhança, irmão de todos sem ser da família”¹⁹. Contudo, uma coisa tinha como certa: a inveja que eu sentia dela. Ela tinha a sua infância eternamente encerrada num cadáver, enquanto o cadáver da minha infância já se desenhava diante de mim. E eu era incapaz de chorar tanto por um quanto pelo outro.

Um raio de sol esmorecia. Não conseguia perceber se as nuvens se moviam e uma brisa erguia-se, mas não vinha do mar nem do céu, saía da boca de Alexander Search. Era um murmúrio. Era uma respiração. Era uma voz, uma brisa transformada em poema. Eram versos que podiam ser mais perfeitos, rimas que poderiam ter sido melhores e o conjunto poderia ser até mais intenso. Não sei, contudo, se poderiam ter sido mais verdadeiros ou mais falsos, porque não sei como os escreveu, mas ele recitou-mos numa voz pungente e triste como se fosse deveras sua aquela dor que eu talvez sentisse:

— *“Sing into sad tears our distress!
Oh, let soft sorrow be thy strain!
She’s gone beyond our love’s caress,
Giving to life more loneliness
And to mystery more pain.”*²⁰

— *On baby’s death* — sussurrou Alexander e eu senti-me ainda mais estrangeiro daquela dor, daquela família. Era mais estrangeiro do que ele.

No convés do navio, aquele terraço sobre o mar de um palácio móbil, deixei-me ficar a observar o horizonte, meditando em silêncio com Alexander Search sobre as nossas diferenças de estrangeiros. Éramos outras duas ilhas daquele mar, o mesmo que nos separava e nos irmanava. Por mais que eu me esforçasse por compreender as almas daqueles que me rodeavam, elas eram tão estranhas para mim quanto a minha, pois que todos os dias, todas as horas me sentia diferente de mim.

Em breve estaria em Portugal e isso não me trazia o contentamento que eu imaginara no instante antes de embarcar. Sempre diferente de

¹⁹ *Ibidem.*

²⁰ Tradução do excerto de *On baby’s death*/Sobre a morte de uma criança, de Alexander Search, por Luísa Freire, in *Alexander Search — Poesia*: “Em tristes lágrimas canta a amargura! / Oh, seja a tristeza a tua canção! / Ela partiu para além do nosso amor, / Trazendo à vida maior solidão / E ao mistério mais profunda dor.”

mim, sabia tanto como sentir este regresso quanto sabia como sentir a morte da minha irmã. Ardiam-me os olhos das lágrimas que não se deramavam.

No mar que corria entre Durban e Lisboa havia algo que me definia. Nas nuvens negras que corriam sem sombra que me mostrasse que se moviam, também. Dei um passo atrás na amurada, com a ideia romântica de uma varanda flutuante sobre o mar desfeita. Como seria uma tempestade no mar? Verdadeiramente mais assombrosa do que aquelas vistas pela minha janela africana. Seria isso possível?

Uma gota de chuva isolada e grossa rolou-me no rosto, caíra junto do canto do olho. Inclinei-me e o pingo rolou trémulo ao longo do nariz, contornou os lábios e galgou o queixo como uma lágrima perfeita. Vi a lágrima morta cair ao mar e ganhar vida porque se tornara salgada. “Ó mar salgado, quanto do teu sal, são lágrimas de Portugal!”²¹, escreveria eu vários anos depois ao lembrar-me daquele fim de tarde num terraço a brincar com uma lágrima a fingir. Não sei quanto daquele sal são lágrimas de Portugal, apenas sei que nenhum é meu. A lágrima morta, mesmo salgada, continuava morta afinal, porque faltava-lhe uma emoção.

Senti então, como tantas vezes depois sentiria, “como quem ouve falar através de sons que cessam e recomeçam, a amargura essencial desta vida estranha à vida humana — vida em que nada se passa salvo na consciência dela!”²² Despertei de mim e senti um sopro de vento forte por trás dos andares dos camarotes. Ele chamava a chuva, mas em breve cortá-la-ia, tornando os riscos rectilíneos em pequenos traços atarantados.

O céu estava cinzento-plúmbeo, derrotado e abatido, as nuvens eram como soldados que se agrupavam para uma batalha. Eram cada vez mais. Ia chover e o céu estava rendido. Desatei a correr, com um medo excessivo, apavorado, perturbado e alheio à perfeita atenção que outros, observando-me protegidos a partir dos seus camarotes, me prestariam, alheios também aos perigos verdadeiros e exagerados que eu corria. Talvez me criticassem, protegidos atrás das suas janelas e os joelhos cobertos com cobertores moles, por correr assim pelas tábuas molhadas do convés. A ameaça da chuva, por ser uma ameaça real de trovoadas, perturbou-me. Escondi-me sempre de uma tempestade, com ou sem trovões, pois a sua ausência podia apenas ser o prelúdio dos mesmos e dos riscos que corria.

Foram necessários 43 dias a bordo do *König*, intermináveis horas

²¹ Fernando Pessoa, *Mensagem*.

²² Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*.

escondido debaixo da cama sempre que as nuvens, como por um golpe de magia negra, faziam desaparecer o céu, e quase o mesmo número de noites nas quais, sem dormir, o meu pensamento seguia como se visse a rota do navio e imaginando que cruzava paisagens inexistentes de países que só conheci, e conheceria sempre, apenas do Atlas, até entrar na barra do Tejo. O Forte de São Julião tornou-se visível, como se eu nunca tivesse estado ausente.

Era criança a última vez que a minha retina registou aquelas imagens. Agora, um moribundo da infância, senti uma espécie de alegria — sempre uma espécie, porque as emoções inteiras e verdadeiras não eram para mim —, porque percebi que a imagem do cais que guardava em mim não era imaginária. Era tão real quanto reais podem ser as coisas que guardamos dentro de nós desde a infância.

Desembarquei num andar alugado na rua de Pedrouços, como um viajante desmemoriado que regressa a casa. Viviam nessa casa as minhas tias-avós Maria Xavier e Rita Xavier e a minha avó Dionísia, a minha avó louca, mãe do meu pai, do que tinha morrido tuberculoso. A memória que guardara das feições das minhas tias-avós era como a de um palácio que se avista de muito longe ou como a de um banco de pedra vazio que nem reparamos na graça morna de um lusco-fusco de Verão. Lembra-me perfeitamente do meu tio Taco, mas ele já não existia. Talvez por isso me lembrasse tão bem dos traços do homem que me levava ao circo quando eu era criança.

Havia um som de piano que vinha do andar de cima. Não era uma melodia, não passava de escalas tocadas por alguém que aprendia. Deviam ser monótonas, por serem repetidas, mas quando trouxeram pelo braço a minha avó louca, saída nas vésperas do manicómio, por certo para estar presente aquando do nosso temporário regresso a Portugal, o som de piano pareceu-me fantasmagórico. Até hoje, não sei por que processos de cultivo, tenho enraizado no mais fundo de mim a imagem da minha avó, lábios descaídos, de quem não tem dentes nem dentadura postiça, olhos encovados e vagos, de quem não sabe por onde a alma anda, e cachecol negro enrolado ao pescoço, como se trouxesse o Inverno dentro de si — arrepiei-me. Foi trazida até nós, até mim, depois de destrancada do quarto, onde a tinham trancado à chave, com aquele som de piano de fundo de dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

Houve um dia, muitos anos depois, creio até que a minha avó louca já teria morrido, em que me mostraram uma foto dela do tempo da sua juventude. Os seus olhos não eram encovados e vagos então, mas eram tristes e parados e havia neles a mesma ausência de alma dos seus tempos de loucura. Não era portanto a loucura que fazia perder uma

alma mas a tristeza, concluí e o meu tédio aos sentimentos, às afeições confirmou-se certo.

Havia muitos anos que a avó Dionísia dividia o tempo entre estadias na casa das minhas tias e internamentos no Hospício de Rilhafoles. Ela era louca desde o tempo que eu vivia em Lisboa, mas não me recordava dela, nem da sua loucura. Talvez a confusão de grandes intervalos de Portugal me tenham criado silêncios na memória. Talvez fosse outra coisa.

A selectividade da minha memória — desconheço se o mesmo se passará com outros —, faz-me duvidar da minha capacidade de me lembrar. A absolvição que a idade me poderia dar não pode servir aqui, uma vez que apesar dos meus cinco anos ao mudar-me da casa do Largo de São Carlos, lembrava-me perfeitamente desse quarto andar esquerdo onde nasci. Lembrava-me do carrilhão da Igreja dos Mártires no Chiado de onde das minhas janelas eu conseguia ver o campanário. Lembrava-me das janelas portadas com os pequenos balcões de ferro forjado de onde a tinta já se descascava. Lembrava-me dos móveis escuros. Lembrava-me dos reposteiros. Lembrava-me das cadeiras de braços. E lembrava-me do velho papel de parede a delatar que o luxo burguês da casa era de fancaria, pois estava além dos recursos do seu chefe de família, subchefe da Repartição de Contabilidade da Secretaria dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça e às noites um crítico musical do *Diário de Notícias*. Lembrava-me das pessoas, dos vizinhos que nas noites do último Verão que morei naquela casa se sentavam às portas, nos degraus ou em bancos baixos, recostados nas paredes de cal branca e morna do sol da tarde, como se estivessem sentados numa poltrona de braços do palácio real, e conversavam como se se despedissem de mim que partia, mas ainda não sabia. Mudámo-nos, eu, a minha mãe, o meu irmão Jorge, que pouco mais viveria, e a minha avó louca, para a rua de São Marçal, mas não sem antes pôr a leilão uma boa parte dos nosso haveres. Dessa casa, apenas recordo as suas janelas simples, por onde continuei a observar o mundo como se o visse em paisagens sucessivas e monótonas de uma janela de comboio em viagem.

Era a lembrança destes pormenores vívidos, como a notícia em um jornal sobre alguém que morreu e não conhecemos, que se destacavam, embora com um afastamento mental, ao mesmo tempo que não me conseguia lembrar da minha avó louca, que me fazia duvidar da minha capacidade de me lembrar. Talvez por isso precisasse escrever. “Preciso fazer da minha atenção um bloco de apontamentos.”²³ Melhor, fazer de

²³ Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*.

um bloco de apontamentos a minha atenção. Porém, até isso era um fraco remédio uma vez que anos depois também não me lembraria de ter sido eu a escrever o que eu escrevera.

Era a terceira vez que relia *As Aventuras do Sr. Pickwick*, de Charles Dickens, mas a primeira que o fazia na cadeira da minha infância. Havia nesta casa das tias-avós e da avó louca uma cadeira de palhinhas que vinha do tempo da casa do Largo de São Carlos, do tempo em que eu era outro, era eu, mas já não seria capaz de me reconhecer se me encontrasse. Sabia já perfeitamente, naquela altura, sentado na cadeira de palhinhas, que uma pessoa podia ver o mundo inteiro e conhecer a humanidade inteira sem sair dali, nem falar com ninguém.

Espreitei por cima do *Pickwick*, sentindo-me espreitar de fora do lugar, por mais que aquela cadeira fosse do tempo da minha infância, o único momento que me senti confortável porque então não me interrogava sobre o desconforto que sentia. Queria saber ao que se assemelhava uma vida sem consciência, observando a minha avó falar para uma parede coisas que todos diziam ser sem nexos e que a mim me pareciam ser de um discurso tão humano.

Ela virou-se e olhou para mim com uma angústia de exílio que eu compreendi. Mais, que eu reconheci. O *Pickwick* caiu-me nos joelhos, deixando-me subitamente desprotegido diante daquela pessoa real e da condenação de me sentir igual.

Lembrei-me! Lembrei-me. Lembrei-me... de quando era criança no Largo de São Carlos e da avó louca que odiava as crianças, mas que me adorava a mim e ninguém entendia porquê. Ela adorava-me porque éramos vizinhos entre iguais, compreendia em mim o que os outros viam nela. Aprendi depois que a degenerescência salta uma geração. A minha avó sabia isso sem diploma de Medicina e com loucura.

Era por isso que me tinha esquecido da avó louca na casa do Largo de São Carlos. Era porque a avó louca compreendia-me.

— Eu e tu somos iguais — podia jurar que a ouvi dizer quando voltei a esconder os olhos por trás do meu livro de Dickens. Por isso, “repudiei sempre que me compreendessem”²⁴.

Ah, meu querido *Mr. Pickwick*, suspirei na tentativa de encobrir com a minha voz o discurso para a parede da minha avó louca.

— Fernando!

Ergui o olhar de novo do meu *Sr. Pickwick*. A mamã fixava-me. Olhou para a avó louca e, de novo, para mim. A avó começou a dizer obscenidades. Uma das tias entrou e levou-a. Eu permaneci com o li-

²⁴ Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*.

vro do *Sr. Pickwick* nas mãos, pensando que havia “criaturas que sofrem realmente por não terem vivido com o *Sr. Pickwick*”²⁵ e com o olhar da mamã sobre a minha alma inteira.

“Tive receio, de endoidecer, não de loucura, mas de ali mesmo.”²⁶

Deixei Portugal pela primeira vez com receio de nunca mais regressar ou com a incerteza de quando o faria. Deixei Portugal pela segunda vez com medo de enlouquecer.

²⁵ *Ibidem.*

²⁶ *Ibidem.*

Viro-me para o lado, a cama é um lugar infinito quando sinto nascer em mim o horror da noite que perdura. Nasce o tédio. É um tédio que cansa a alma inteira. É absoluto e completo. Torno para o lado oposto. Agora, além de entediado, frustrado por existirem apenas dois lados mesmo quando não sou eu que me viro, por mais eus que se virem, os lados são sempre apenas dois. Que tédio da matemática também! E da física! E de todas as ciências que ainda não avançaram de modo a darem-me mais lados ou trazerem-me o sono! Volto em pensamentos para o regresso a Durban.

Naquelas noites também já não dormia. Pobre criança que já não era e homem que ainda não me tinha tornado, em todas as noites de mar atormentado por uma inquietação enorme que me fazia estremecer e sem ninguém a quem pudesse contá-la. Todos os meus gestos estremeciam, mas nas longas noites, escuras como o fundo da minha alma, o cobertor era o meu escudo. Era o meu aliado. Ninguém via, ninguém percebia. Ninguém me percebia. Os meus gestos trémulos tornavam a minha letra trémula também, mas Alexander Search percebia. Percebia-me nas longas missivas sem endereço que trocávamos um com o outro.

Search nasceu, tal como eu, no dia 13 de Junho de 1888, também em Lisboa. Talvez nos pudéssemos ter conhecido antes, ainda em Portugal no tempo da minha primeira infância. Talvez pudéssemos ter frequentado a mesma escola e vestido bibes iguais se as nossas vidas não tivessem divergido tanto do local onde nascemos. Dividíamos agora o camarote, era o suficiente.

Eu e Search não partilhámos o bibe na infância, mas vestíamos ambos a mesma camisa-de-força mental do medo de enlouquecer. Guardo ainda hoje comigo na minha arca, entre uma série de outros poemas dele, este, com o curioso nome *Flashes of Madness IV*:

“Chora pela ruína da minha mente

Chora, ao invés, criança, que coisas tão profundas possam levar-me

*A perder os claros pensamentos que poderiam provar que eu sou
Alguém de valor para a humanidade.”*

E eu que me sentia estrangeiro entre os meus, sentia-me próximo deste estrangeiro, que apesar de ainda não ter escrito estas linhas, me deixava percebê-las nas cartas que me enviava do outro lado da minha cama.

Ninguém percebia a minha profunda solidão. A atenção da minha família, os seus sentimentos estavam cheios da minha irmã morta e o ventre da minha mãe de um filho vivo. Fazíamos a viagem de regresso com o mesmo saldo familiar da ida. E à medida que nos aproximávamos de Natal, maior era a minha certeza de que “Passei entre eles estrangeiro porém nenhum viu que eu o era.”²⁷

Assim fui igual aos outros, com o único ponto em comum a mamã, que era o que me afastava, e aproximava em simultâneo, da semelhança com os outros. Por isso, enquanto a mamã, o papá que não era e os meus irmãos se apertavam no *deck* para acenarem adeuses brancos àqueles que ficavam em Lisboa, fugi para o meu camarote. O convés estava lotado e isso esfrangalhava-me os nervos. Além disso, porque acenaria um estranho à família de outros?

Porém, havia ainda mais uma razão: A. A. Crosse insistia em resolver a charada do jornal. Ainda não vos tinha falado de A. A. Crosse?

Absortos na resolução do problema, o estrondo da porta contra o batente sobressaltou-nos. A mamã, já bojuda, deixou-se cair aos pés da cama. Não compreendi o que o seu rosto transmitia e não pude fazer mais do que não fazer nada, dividido entre Crosse, que se mantinha indiferente àquela entrada e focado na sua charada de jornal, e a mamã, que deveria ter os olhos em lágrimas, mas estava apenas zangada comigo.

— Só nos dá ralações, Fernando! — creio ter ouvido a mamã dizer, entre os lamentares por eu ser assim do papá, das tias velhas, dos primos e até nos meus irmãos mais novos. Não, os irmãos mais novos apenas sugavam as chupetas preenchendo os silêncios com aquele estalar de língua húmido e os seus olhos grandes.

²⁷ *Ibidem.*

Continuo sem dormir e não sei que horas são. O som do tique-taque apressado do relógio de parede prende-me em recordações que quero esquecer. Acho-o tristemente semelhante ao dos meus irmãos e as suas chupetas e as suas velhas faces de bebé, assim como todo o camarote, voltam a descortinar-se na minha frente como se eu ainda lá estivesse.

Crosse mantinha-se sobre a cama, relendo a charada, como se o que se passasse à sua volta fosse nada. Nada, tal como o silêncio corrompido pelas chupetas dos meus irmãos me fazia sentir.

Os olhares reprovadores do papá e das tias velhas trespassaram-me. E eu, que temia e odiava a loucura e todos os seus sinais e reminiscências, cheguei a desejar os olhares esgazeados que a avó louca me lançara, por algumas vezes, na casa de Pedrouços durante as férias.

— Fernando! Fernando! — gritava Crosse exultante.

A campainha do pacote troou, avisando os convidados para saírem. A azáfama das despedidas na qual eu nunca quis fazer parte recomeçou e interroguei-me sobre qual seria o meu lugar: a bordo ou em terra?

Crosse continuava a gritar o meu nome e todos os meus gestos eram trémulos. Todas aquelas pessoas num espaço tão exíguo e que me pertencia incomodavam-me e não conseguia entender como não ouviam todos aqueles gritos que latejavam na minha cabeça: Fernando! Fernando!

A porta do camarote fechou-se com o último elemento daquela família que era a minha e Crosse continuou.

— Já descobri a resposta da charada do jornal.

Peguei no jornal e reli-a: Quem é o irmão de todos, filho apenas de um, mas não é da família?

— Fernando! — repetiu.

À PÁLIDA LUZ DA MANHÃ DE INVERNO

1905 a 1920

Desde hoje estou só.

Desde hoje estou só. Já vos disse, mas quero repeti-lo.

Acordo a meio da noite sem saber se já tinha dormido. É muito cedo, mas acordo e ergo-me num repente. Sentado na cama e atordoado, porque ainda é cedo, dou por mim embrulhado na manta, no tédio e na almofada. Não sei que perturbação me terá causado tanto tédio, profundo e supremo, pois sonho não o tinha tido e sono creio que também não. Só sei que é muito cedo e que desde hoje estou só. E essa pode bem ser a resposta.

Desde hoje estou só. Olho para trás, na minha cama — que de noite se torna maior, quase do tamanho da madrugada — e vejo apenas um intervalo negro que é parte da noite, do silêncio e do que eu sou. É muito cedo.

Desde hoje estou só e sei que assim estive em muitas noites e muitos dias. Mas hoje, esta noite, o que recordo é do dia em que coloquei os pés a bordo do navio alemão, Herzog.

Regressava a Portugal e, nessa noite, a noite parecera-me menor do que todas as outras noites, acordado ou a dormir, que eu já tinha passado. Ia ao cuidado de um oficial de bordo, preocupações do meu papá, aliás, padrasto. Ele, que não desejara a minha ida, não queria agora a minha partida. A bordo do *Herzog*, com o vento a bater-me no rosto, ladeado pelo *Crosse* e pelo *Search*, sentia-me a cumprir o meu destino, a cumprir-me a mim, a cumprir Portugal.

Regressava à pátria que era minha por lá ter nascido e porque era lá que residiam todos os meus momentos de felicidade, do tempo em que eu era o menino de sua mamã. Era claro que tinha sido feliz então devido à incompreensão de o ter sido e não voltaria a sê-lo porque já não me era possível não compreender. Porém, olhando para trás, agora que tinha consciência, sabia que Lisboa era o único local onde tinha sido feliz e estava consciente que era para lá que queria ir, mesmo faltando uma parte importante desta equação de solução impossível de felicidade: a mamã. A mamã, tal como a incompreensão, não era possível voltar a tê-la. Restava-me apenas Lisboa e a consciência de um resultado impossível.

Regressava à pátria que era minha porque, como já disse, lá tinha nascido, e não porque lá tivesse vivido mais tempo do que em outra parte e nem porque fosse a língua portuguesa aquela em que mais ou melhor me expressava. Ganhara dois anos antes, em 1903, ao prestar provas de entrada para a Universidade do Cabo da Boa Esperança, o *Queen Victoria Memorial Prize*. Eu não tivera a melhor nota no exame, mas era meu o melhor “*english essay*”. Escrevia poemas e contos em inglês e até

os meus amigos eram ingleses: Alexander Search e A. A. Crosse. Isto se não contarmos com todos os autores anglófonos que já lera. Nesse mesmo ano que ganhei o prêmio, li: Júlio Verne, Guerra Junqueiro, Byron, Harold, Keats, Forjaz de Sampaio, Lombroso, Chesterton, Espronceda, Farnay, Hudson, Laing, Molière, Pigault Lebrun, Shelley, Silva Passos, Thomas Child, Tolstoi, Voltaire, Weber, Schopenhauer, Platão, Shakespeare, Fouillé, Hamon, Zeno, Funck Brentano, Aristóteles e Rimbaud. Não eram todos anglófonos, mas a maioria estava longe de ser lusa e os gregos e os russos li-os em inglês.

Portugal era aquilo que eu tinha perdido juntamente com a mamã, que eu tinha amado e perdido, era tudo o que eu deveria querer. Ambos eram uma memória que eu transformara numa emoção, numa saudade. Não podia voltar a tê-los juntos e amava-os assim, juntos, porque não os podia ter juntos.

Levava na mala uma memória em papel, tão falsa quanto as da nossa cabeça, porque ambas são o que julgávamos pensar quando sentíamos. Anos depois, décadas depois, debruçados sobre as memórias ou sobre o papel, percebemos o engano, como o mar, ruidoso e frio, percebe as rochas ao atingi-las.

As memórias em papel que eu transportava comigo eram as cartas que o meu pai, o verdadeiro, escreveu à mamã, enquanto internado adia-va, a toque de quinino, a sua morte tanto como uma nuvem carregada pode retardar a chuva de cair. A mamã guardara-as, enrolado o maço com uma fita azul. Não sei se a colocara antes de o meu pai morrer, adivinhando já a sua morte, se depois, defronte de um caso consumado. Havia uma nota, no topo do maço, escrita pelo punho dela, que indicava que elas me deveriam ser entregues quando chegasse a altura. Também não sei quando a mamã resolveu escrever essa nota, apenas tenho como certeza que todas elas começavam com “minha querida Maria” e terminavam com um “até logo”. Teria o meu pai a ilusão de que voltaria? Seria a minha ilusão de uma infância feliz em Lisboa tão grande quanto o engano do meu pai? Eu só tinha como certeza que tinha chegado a altura de eu tomar também conta de mim.

Desde hoje estou só. Seria esse o dia em que embarquei no *Herzog* para, pela primeira vez e para sempre, tomar conta de mim e das cartas do meu pai? Ouvia o som da noite como uma esperança constante de onda que se desfaz contra o casco do navio. Ouvia-o também na alma, assim como à espuma branca que rodeia em silêncio profundo o contorno deste viajante nocturno.

Já tinha nascido em mim a impressão nítida de ser quem não era. Deslizava pelo mar como quem galga abismos, vendo a vida diante de

mim já pronta e triste: deixava Durban e um padrasto que me chamava de teimoso manso para um curso de Letras que não tinha a certeza de querer frequentar numa língua na qual nunca tinha estudado e não muito tinha lido.

Segundo o meu padrasto, eu deveria tirar um curso superior em África, a minha nota no *english essay* do exame de admissão à universidade argumentava a seu favor. Mais tarde, ele trataria de me conseguir uma boa colocação. Oh, não, não me queiram amarrar a uma vida quotidiana e banal, a vida banal de um homem comum, casado e estúpido cumpridor de deveres por imitação dos outros homens comuns que cumprem os seus deveres tão comuns quanto eles. Esta era a resposta aos planos dele que o meu padrasto nunca ouviu, por isso eu era um teimoso manso. Talvez tivesse razão. Se ao menos um homem pudesse ouvir os pensamentos de outro homem, ele saberia. Ao menos ele saberia que eu não era um teimoso manso.

Ele nunca me tentou compreender, mas o que mais me doía era que a mamã também não. A dor! Ah, só a dor e o medo são reais. A lua e as estrelas brilhavam na escuridão profunda do mar. Inclinei-me, duvidoso de se mesmo aquele mar seria real.

A mamã e eu éramos ilhas diferentes por entre as quais o mar corria. Não havia pontes nem carreiras da margem de uma para a margem da outra. Desde hoje estou só, pensei, dando-me conta, então, que não havia mais ninguém, vivo ou morto, naquele paquete, que tivesse alguma relação comigo. Estava com o Search, o Crosse, agora também com o Charles Robert Anon, mas nenhum deles tinha pago bilhete, portanto era como se não existissem naquele barco.

O meu padrasto era um homem honesto. Eu respeitava-o e estimava-o, ou convencera-me disso. Creio que havia entre nós uma estima que era comum, ou então éramos actores de uma tragédia de uma espectadora só: a mamã. Contudo, a mágoa de que ele não me compreendesse era sincera, tanto quanto podem ser sinceros os meus sentimentos. Estes, tal como as minhas recordações, sempre me pareceram um piso escorregadio sobre o qual caminhava.

“Eu compreendia que a Mamã não compreendesse e, ainda que essa incompreensão me irritasse e me ferisse, e a sua revoltante falta de tacto feria-me e irritava-me bem mais, sofria demais os ímpetos de quase-ódio que isso causava.”²⁸

Recolhi-me ao meu camarote com um sentimento de desolação,

²⁸ Carta para a mãe, Primavera de 1907?, in <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=7347>. (Tempos verbais alterados.)

como a de um naufrago de alma. Estava em pleno mar, sem ver terra pela frente ou por trás. O meu mal-estar não era físico, mas era um mal-estar de alma, pois havia algo que via claramente: “A mamã gostava de mim; não simpatizava comigo.”²⁹ Não me podia contentar com isso? A mamã gostar de mim não era o mais importante? O que era uma simpatia, afinal?

Por mais que me tentasse iludir, sabia que não era o suficiente. Queria que a mamã me amasse absolutamente, com a sua alma inteira, com o seu coração inteiro, com a sua sombra inteira. Olhei de soslaio para Search e Anon, como se me envergonhasse olhá-los de frente. Abanavam a cabeça afirmativamente, concordando com os pensamentos que eu não pronunciei, mas eles ouviram. Eles estavam certos. Eu estava certo. Não era o suficiente porque a tudo isso se somava a incompreensão e a ironia também. Sei que a mamã leria, se pudesse ler, os meus pensamentos, e responderia, se eu fizesse de tudo isto uma carta, com ironia. Mas o que me nauseava de facto, como mal de mar, era “a droga dos conselhos e a incompreensão”³⁰.

“Desde hoje estou só, humanamente abandonado e só.”³¹ Era a partir de hoje que estava só, embora soubesse que sempre tivesse estado.

A incompreensão da mamã feria-me como seta, embora a falta de afecto que lhe notava me ferisse ainda mais. Mas não era só ela. “Na minha família não há compreensão do meu estado mental — não, nenhuma. Riem-se de mim, zombam de mim, não me acreditam; dizem que desejo ser alguém extraordinário. Nada fazem para analisar o desejo de ser extraordinário. Não podem compreender que entre ser-se e desejar-se ser extraordinário apenas há a diferença de se acrescentar consciência a esse desejo.”³²

Ninguém compreende outro, reflectia eu havia instantes. Tinha lágrimas que me ardiam nos olhos por incapazes de eu as chorar e uma dor que me apertava no peito porque esta sempre me acompanhou. Eu ia ser extraordinário e doer-lhes-ia a incompreensão com que sempre me trataram como ela me doía agora. “Não poderia deixar tudo isso sem chorar, sem compreender que, por mau que me parecesse, era parte de mim que ficava com eles todos, que o separar-me deles era uma metade e semelhança da morte.”³³

²⁹ *Ibidem.*

³⁰ *Ibidem.*

³¹ Carta para a mãe, Primavera de 1907?, in <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=7347>.

³² Fernando Pessoa, *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*.

³³ Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*.

Esta foi a minha última grande viagem. Restar-me-iam as grandes viagens de uma noite a outra noite, ou os lugares aos quais viajaria sem abandonar o meu quarto. As viagens de solavancos e encontrões tinham terminado. Estava em Lisboa. Nunca mais faria esta grande colheita de saudades falsas, saudades imaginadas e, talvez, de algumas genuínas. Restavam-me apenas o grande prazer das viagens de alma.

Pisei o cais de Alcântara com a certeza que só voltaria a pisá-lo para receber ou despedir-me de alguém. Embora a minha ausência de proximidade com quem quer que fosse desde logo me fizesse saber que isso raramente aconteceria. Não tinha ninguém para ir buscar ou deixar em cais algum e muito menos para acenar com um lenço branco como se aquele ser me fosse verdadeiramente afeiçoado e a pena de me separar dele genuína.

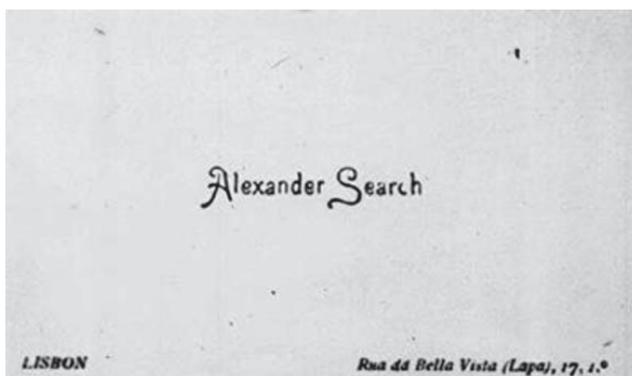
A luz que pairava sobre os telhados quentes de Lisboa era diferente. O ar também. Oh, mas há quanto tempo, Portugal? Eu nunca me esqueci de ti. Nunca.

Eu estava em casa. Casa? Desde logo, apercebi-me do ridículo e da ausência de verdade da frase. Veio sobre mim a lembrança avassaladora de que iria morar com a minha avó louca. Isso abateu-me mais do que toda a viagem.

Eu ia viver na rua da Bela Vista (Lapa), 17, 1º, na casa que seria agora a minha, tanto quanto uma casa poderia ser a minha casa. Tinha então 17 anos. Tinha a minha Lisboa sonhada — sem saber então que qualquer lugar sonhado é melhor do que o seu sócia real — na minha frente. Enfrentava-a com uma pequena mesada do meu padraço, um malão cheio de nada e um desejo de qualquer coisa que não sabia o que era.

Como já disse, esta foi a minha última grande viagem. Não mais me voltaria a desligar do meu ambiente. Outros o fariam por mim, como o Engenheiro naval. Creio que Álvaro de Campos é Engenheiro naval por causa da minha saudade do mar. Toda a vida senti saudades do mar, da imensidão do mar que crescia à medida que me afastava de Portugal. E saudades de Portugal quando um mar enorme se interpunha entre nós. E novamente do mar quando já não havia distância. Mas este ainda não era o tempo do Sr. Engenheiro...

Meu bom amigo Search... Apesar do seu Pacto com o Diabo, morreu cedo. Relembro a primeira parte da primeira alínea desse pacto: “Nunca desistir”³⁴... Eu nunca consegui sequer insistir... Agarro o último sobrevivente dos cartões-de-visita³⁵ que fizera para ele, numa tipografia na rua dos Douradores, aquando do meu regresso a Portugal. A morada era a minha, a rua da Bela Vista — passo os dedos sobre os caracteres já um pouco descorados —, a assinatura era a dele.



Cheio de algo que pode ser saudade, desato o laço que prende o maço dos manuscritos dele... Preciso passar a limpo todos os seus manuscritos...

³⁴ Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*.

³⁵ Disponível in <http://multipessoa.net/labirinto/heteronimia/3>.

Este não era ainda o tempo do Sr. Engenheiro, mas era o de Alexander Search. Era o tempo deste meu amigo inglês que tinha feito um Pacto com o Diabo, escrito um conto sobre pessoas que comiam pessoas. Era o tempo deste homem que temia a loucura tanto quanto eu.

Houve uma altura, em tempos de apertos maiores, em que tive de vender os livros dele que eram meus, que ele assinara para certificar a sua propriedade. Vendi-os como se vende o espólio de um morto, como uma herança que ele me tivesse deixado, pois Alexander morreria em Fevereiro de 1908. Seria mais uma perda.

Matriculei-me como aluno ordinário pagante no Curso Superior de Letras da Universidade de Lisboa, em habilitação para a carreira diplomática. Não sei porque o fiz para além das razões de sentir a obrigação de me matricular em algum e de nenhum dos outros cursos, o Geral, o de Bibliotecário e o de habilitação para o magistério, me atraírem.

Eu não gostava do curso no qual me tinha inscrito, não tinha amigos e a palavra colega deixa antever um quase amigo, uma pessoa que possivelmente virá a sê-lo, alguém mais próximo do que um transeunte que se cruze connosco na rua. E uma proximidade maior do que essa, maior do que a do desconhecido que se cruza comigo na rua, era-me, e continua a sê-lo, difícil de aceitar. Sentia, e via, nos intervalos das aulas, os olhares de todos colocados em mim. Julgavam-me sozinho, criam-me isolado, mas havia já dentro de mim uma multidão bem maior do que aquela que os cercava a eles.

“*March 21st: First day in Curso after holiday — Geography and English — dull and stupid day*”³⁶, disse o Search, que ainda não tinha morrido então, numa aula enfadonha e estúpida como aquele dia estava a ser e eu escrevi-o, como se ele mo ditasse, no meu caderno. Além de nula e estúpida, era uma aula enfadonha e maçadora.

“*March 24th: Curso — History; dull though Ramos is amusing.*”³⁷

“*March 27th: Curso — Geography and English. A day dull, as usual.*”³⁸

Os dias enfadonhos e estúpidos sucediam-se no curso. Porque permanecia eu ainda lá? Em casa, numa folha solta, a mão que segurava a caneta de aparo deslizou e formou a seguinte frase: “*CSL and end thereof*”³⁹. Talvez tenha sido este o início da minha escrita automática, mas o certo é que dei por terminado este curso que já nem sabia ao certo porque tinha começado.

A mamã, ao contrário do meu bom amigo Search, nunca concordaria, a não ser que o meu padrasto concordasse, assim ela poderia concordar comigo concordando com ele. As tias velhas, com quem morava, também não concordavam comigo. Queriam que eu estudasse, que eu conseguisse um lugar como funcionário público e discutiam comigo por me acharem irresponsável, pois nem sequer obedecia às prescrições do meu professor de ginástica sueca. Mas estavam enganadas, pois se não fossem as três lições por semana do professor de Educação Física, Luís da Costa Leal Furtado, eu já estaria morto e nem sequer consigo avaliar se isso não seria pelo melhor para mim, para a minha família e até para a humanidade que talvez venha a ler aquilo que eu gostaria um dia de escrever. Era certo, contudo, que eu fora mais aplicado nos primeiros três meses, logo após a consulta com o professor Egas Moniz e a sua recomendação para exercícios ginásticos. Contudo, nesses primeiros meses fui aplicado e foi aquela ginástica do professor Luís Furtado Coelho que me salvou. Era um homem esplêndido, deixou mesmo vários livros publicados sobre a educação física, mas tinha o grande defeito de ser também o professor de ginástica do infante D. Manuel.

³⁶ “21 de Março: Primeiro dia de Curso depois das férias — Geografia e Inglês — dia enfadonho e estúpido.” *In* Fernando Pessoa, *Cadernos*.

³⁷ “24 de Março: Curso — História; enfadonha, mas o Ramos é engraçado.” *In* Fernando Pessoa, *Cadernos*.

³⁸ “27 de Março: Curso — Geografia e Inglês. Um dia enfadonho, como é hábito.” *In* Fernando Pessoa, *Cadernos*.

³⁹ José Paulo Cavalcanti, *Fernando Pessoa, Uma Quase Autobiografia*. CSL seriam as iniciais de Curso Superior de Letras; sendo assim, ficaria: “E assim termina o Curso Superior de Letras.”

“Um homem tanto pode sofrer vestido de seda, como coberto de um saco ou um cobertor roto.”⁴⁰ O meu cobertor não está roto, mas bem podia estar pelas muitas voltas que já dei na cama em outras noites e nesta. Agarro-me à barra de cetim azul do cobertor tentando proteger-me do peso da noite, mas por mais que o puxe, sinto-me sempre destapado, indefeso. A noite não me deixa em paz e eu não consigo dormir. Imagino que talvez fosse feliz se dormisse, porque não durmo agora. Sei que não seria feliz se dormisse, porque a própria constatação dessa realidade esfuma a felicidade que eu poderia ganhar. Não durmo e sei que não seria feliz se dormisse. Alguma noite dormirei, mas não será nesta. Não será hoje.

Penso que talvez o sono seja uma espécie de morte, pois estamos de olhos fechados num lugar onde nada nos alcança a não ser o privilégio do sossego e porventura o esquecimento da vida. De novo imagino isso como a felicidade para logo depois ela me escapar como água por entre os dedos. Não podemos reter a felicidade assim que nos apercebemos que a temos.

Penso mais uma vez que o sono é uma espécie de morte e a inquietação crescente por não dormir faz-me crer que irei enlouquecer. O meu coração

⁴⁰ Fernando Pessoa, *Prosa Íntima e de Autoconhecimento*.

dispara, parece correr. Não, parece falar e fala, dizendo: Dionísia.

A minha avó louca aparece-me nesta noite de sonhos que não tenho e é inevitável lembrar-me de tudo o que não realizei. Conforto-me a mim próprio, não realizamos nada. Ninguém realiza nada. Eu não fui diferente.

Sonhei uma noite já distante em abrir uma tipografia editora. Em parte realizei esse sonho, mas como a parte nunca é o todo, verdadeiramente não realizei nada. E ainda bem que assim foi. Enquanto sonho, o sonho apenas a mim me pertence, a partir do momento em que o realizei pertence a todos. Nada realizei, assim é que deve ser.

É por isso que me lembro nesta noite da minha avó louca. Ao morrer ela deu-me a oportunidade de poder realizar um sonho. Ainda bem que estraguei tudo. Ainda bem que perdi o dinheiro que ela me deixou em maquinarias que não soube usar de acordo com o sonho que tinha, porque apenas o que sonhamos é o que verdadeiramente somos, se a Íbis Tipographia Editora tivesse sido mais do que sonhada, como quase foi, deixaria nesse instante de me pertencer. Ainda bem que o meu sonho não se deixou ser realizado.

“Fernando António Nogueira Pessoa cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações de amizade o falecimento da sua querida avó D. Dionísia de Seabra Pessoa.”⁴¹
Penso que foram estas as palavras que publiquei em O Século, mas a certeza escapa-me. Sei que reli o anúncio várias vezes na altura para me certificar de

⁴¹ Jornal O Século, in José Paulo Cavalcanti, *Fernando Pessoa, Uma Quase Autobiografia*.

que as palavras tinham saído como eu as escrevera. Por vezes, preciso certificar-me das coisas. Preciso saber se elas mantêm a sua ordem, ou a ordem que eu lhes dei. Tenho, por vezes, a sensação que se não verificar tudo de forma meticulosa, algo maior poderá sair da sua ordem natural. O quê? Não sei. Mas talvez fosse o iminente perigo de um sonho deixar de pertencer ao plano do sonho, que é a sua ordem natural, e passar a pertencer ao mundo. Isso seria grave.

Há uma perfeita ordem para a existência de tudo, até para o conforto do banal e para os múltiplos ruídos da rua que vemos através de uma janela. E até para a forma como as pessoas devem iniciar e concluir uma carta. Há uma ordem para tudo, já disse. E isso deu-me a ideia de escrever um texto para explicar como as cartas devem ser escritas. Procurei no bolso do meu paletó um lápis afiado nas duas pontas para fazer esta anotação. Só então me lembrei que ainda era noite, eu continuava na cama e não havia paletó, bolsos, nem lápis com duas pontas no cobertor que me cobre.

Gosto dos lápis aparados nas duas extremidades e lembro-me que talvez exista alguma ordem natural aqui posta em causa com este meu gosto. Mas eu detesto quando o bico do lápis se torna grosso a meio de uma ideia. É como se a ideia se vulgarizasse à medida que as letras que a apontam engrossam. Também não gosto de lápis novos. Neste caso, é como se estivessem despidos, sem ideias. Os lápis usados têm a madeira impregnada das minhas ideias anteriores, das que eles já tinham escrito e das que adivinham que eu escreveria.

Mais uma vez me afasto do assunto, embora esteja preso à cama e a este cobertor que também não dorme. É a morte da minha avó que eu recordara há pouco. Ainda hoje não sei o que a sua morte me fez sentir então, menos ainda o que me faz sentir agora. Sentir dói muito, por isso é melhor não sentir e pensar apenas, pois pensar dói mais. “Somos morte. Isto, que consideramos vida, é o sono da vida real, a morte do que verdadeiramente somos. Os mortos nascem, não morrem. Estão trocados, para nós, os mundos. Quando julgamos que vivemos, estamos mortos; vamos viver quando estamos moribundos.”⁴² Sei estar certo, tanto quanto sei estarem errados todos aqueles que não pensam assim. “Há entre mim e o mundo uma névoa que impede que eu veja as coisas como verdadeiramente são — como são para os outros.” Sinto-me como se fosse dentro de um comboio e toda a humanidade noutra. Prosseguimos em vias-férreas paralelas, andamos lado a lado, mas nunca nos alcançamos.

⁴² Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*.

Como os mundos estavam trocados, temi que depois de morta a minha avó louca, a sua loucura ficasse comigo, pois a loucura não nasce nem morre, vagueia no sono da vida real. Contudo, de palpável naquele momento, o que tinha ficado comigo era a sua herança e também o sentimento, mesmo em mim que não era dado a sentir, de que com a sua partida era como se o meu pai voltasse a partir mais uma vez. Além das cartas que ele enviara à mamã, a minha avó era o que me ligava a ele. Ela morrera internada em Rilhafoles e com ela a última recordação viva do meu pai.

Em verdade, a minha avó não era a única recordação viva do meu pai, porque as palavras têm vida. Portanto, as cartas do meu pai, que eu conservava comigo, é que eram a última recordação viva dele. Eu também o poderia ser, mas creio que aquelas palavras tiveram sempre mais vida do que eu que sempre estivera encerrado num corpo tão débil quanto o do meu pai aquando da morte por tuberculose. Além disso, desengonçado também. Não gostava do meu corpo.

Li apenas uma vez as cartas do meu pai para a minha mãe, o mundo tinha demasiadas leituras por fazer. E, naquele tempo, eu lia dois livros diariamente, um de poesia ou prosa, o outro de filosofia ou física. Era um profundo conhecedor de Shakespeare, Wyatt, Bacon e tantos outros anglófonos, mas só agora descobria as obras de Cesário Verde e do Padre António Vieira. O resto do tempo, que muitas vezes era o das minhas insónias, dedicava-o a escrever. Por isso, rapidamente concluí que o melhor emprego que poderia dar aos cabedais herdados seria o de montar

uma tipografia e publicar eu mesmo os meus poemas. Porém, não me tomeis como irresponsável como as minhas tias velhas, embora da forma como os acontecimentos se sucederam o possa parecer, mas eu tinha tudo planeado... no mesmo instante em que a ideia me surgiu. Olhando para trás, ou mesmo outros olhando para mim então, podiam achar que tudo não passava de uma sem-razão. Porém, havia um plano, já disse. E assim devemos ponderar, se há um plano, há uma razão, pois se há uma razão para tudo, deverá, forçosamente, haver uma razão para isto e, por isso, forçosamente um plano. Era o caso desta aparente sem-razão.

Havia um plano, repito-o. Apesar de me ter levantado bruscamente, e esses gestos de tão raros em mim poderem ser tidos como inexistentes, o que poderia levar a pensar que tudo não teria passado de um impulso. Todavia, impulsos eram coisas que não tinha. Planos, sim, por vezes. E esta era uma delas.

Lia o jornal enquanto o Sr. Armando Ventura Teixeira me fazia a barba. Havia uma paz no lugar, aquela certeza de que tudo se vai passar de uma determinada forma e o ruído reconfortante da lâmina a raspar a pele ensaboada. Tudo se passava como se alguém tivesse traçado aquele plano para a minha vida e eu seguia-o como uma marionete puxada por cordéis invisíveis.

Estava sentado, com a toalha branca à minha frente, ligeiramente consciente do barbeiro e da lâmina, e com a atenção quase completa no jornal. A leitura de um anúncio fez-me saltar da cadeira e deixou a lâmina de barbear suspensa no ar, congelada no seu movimento pela perturbação do dono.

Saí para a rua, indiferente ao meu rosto ter apenas metade da barba feita. Notei que captava a atenção dos transeuntes, habitualmente almas mortas que andam pelas ruas lisboetas com a mesma passividade que passavam pela vida. Naquele dia, outra coisa de estranhar, era que sentia os movimentos das pernas e dos pés fluidos, como se estivesse bem dentro do meu corpo. Sem o desfasamento entre a cabeça que manda e os membros que obedecem que costumava sentir.

Como estava eu diferente da pessoa que ainda há pouco fizera em passos pastosos o caminho entre o quarto exíguo do rés-do-chão triste e sombrio que ocupava na rua da Glória, e a barbearia do Sr. Armando Teixeira Ventura, no Chiado.

A normalidade das coisas habituais dava-me tranquilidade, por isso sentara-me na cadeira do Sr. Armando, certo que me faria a barba como eu desejava sem precisar dizer mais do que bom-dia para ele saber o que fazer. Via o meu reflexo no espelho, enquanto o barbeiro me punha a toalha ao pescoço, rodopiava o pincel cheio de espuma de sabão e,

com mão firme, deslizava a lâmina da navalha pelo meu rosto e pescoço. O pensamento de que se poderia descuidar e cortar-me a veia jugular fez-me estremecer por dentro. Nunca me barbeei a mim mesmo, por isso mesmo.

Continuei a olhar em frente, para o espelho onde via o meu rosto delineado a branco como se fosse a giz num quadro de ardósia. Acabava de fazer vinte e um anos. Por mais que a navalha do Sr. Armando, ao raspar-me o rosto, parecesse descascar-me da aparência onírica que defronte a um espelho frequentemente parecia ter, continuava a ser insuportável olhar para mim. Por isso, detestava espelhos. Detestava espelhos quase da mesma forma que detestava fotografias, pelo menos minhas.

Peguei por isso em *O Século* para me distrair da imagem de mim.

Saltei da cadeira no momento em que descobri no jornal um anúncio sobre a venda de uma tipografia, com uma máquina grande de impressora com tintagem cilíndrica e seus pertences. Parecia que um plano para a tipografia era inexistente nos meus planos, mas era apenas mais um. Este delineado nos escassos segundos entre ler o anúncio e reagir ao mesmo com aquele salto que deixou o Sr. Armando perplexo com a navalha perdida no ar.

Naqueles segundos eu vi tudo: editoria, em traduções feitas por mim, os grandes livros estrangeiros em falta nas prateleiras das livrarias portuguesas e publicaria os meus poemas que eu ainda pensava escrever. Ao levantar-me da cadeira do Sr. Armando, posso jurar ter ouvido as máquinas da tipografia a trabalharem já a todo o vapor. Como podeis perceber, eu tinha um plano.

Na distância que me separava dos correios na rua do Arsenal, para onde me dirigia de rosto ensaboado para telefonar para o número que vinha no anúncio, pensei na tia Rita. Por momentos, deixei de ver a impressora em funcionamento e revi a minha última cena com ela. A tia Rita ia ver, pensei. Via-a agora com maior nitidez do que as máquinas que a minha imaginação percebia já como minhas. Ela estava de olhos arregalados e mãos abertas no ar. Completamente alheia à minha vasta obra literária em projecto e ao facto de que, assim que começasse a escrevê-la, só por si, seria capaz de alimentar as máquinas famintas da minha tipografia/editora para sempre.

A tia Rita via o meu projecto como loucura. Só ouvir essa palavra dava-me vertigens. A tia-avó acreditava que o meu futuro, aquilo que me daria o sustento, a mim e à família que haveria de criar — ela não sabia que eu era alguém a quem os outros não sabiam amar e que eu próprio não sabia amar os outros —, estava no curso da universidade do qual eu já tinha desistido. Na opinião dela, pobre tia, deveria formar-me,

tornar-me professor, ensinar ou então desempenhar um alto cargo como o meu avô, o meu pai... A minha pobre tia não sabia que eu não estava talhado para ser como o meu pai, para ser como os outros: um homem comum. Por vezes, conseguia entender que a tia não queria o meu mal, mas era mais uma no rol daqueles que não me compreendiam.

É uma loucura, gritou-me ela com voz de quem quer dizer: és louco. Loucura. Louco. Loucura. Louco... Foram estas as palavras que me ficaram na cabeça depois de uma discussão com a tia Rita. Ficava com a impressão de que a tia não me dizia tudo o que me queria dizer, mas na minha cabeça retinha tudo o que ela não me tinha dito. Muitas vezes eu sentia-me um louco ainda fora das fronteiras estabelecidas para o internamento e por isso, munido de coragem e de presença de espírito, mostrava aos outros uma adaptação de mim, sem gesto ou esboço de gesto, capaz de me trair. Contudo, a tia Rita deitava todo o meu esforço por terra ao chamar loucura aos meus planos. Sozinho no quarto, quando ainda morávamos na mesma casa, tinha a nítida impressão de a ouvir cochichar no quarto dela, no outro lado da casa, “é tal e qual a avó Dionísia”. Seria possível a tia Rita ter já percebido aquilo que eu julgava abafado no mais fundo de mim?

Havia traços da tia que me traziam à memória os da avó louca, apesar de elas não estarem ligadas por laços de sangue, e, por momentos, parecia-me ter de novo diante de mim, como se a notícia da sua morte ao fim de meses se tivesse revelado um logro, a avó Dionísia. Aquela figura idiota olhando-me. A boca desdentada. Era uma questão de ciência! Era uma questão de hereditariedade! Eu era uma ervilha de Mendel. Eu era o fruto da semente da planta verde que origina apenas plantas verdes. Por mais lúcidos que fossem os meus pensamentos, não podia fugir ao sangue que me corria nas veias.

“Estava cansado de confiar em mim próprio, de me lamentar a mim mesmo, de me apiedar com lágrimas, sobre o meu próprio eu.”⁴³ Acabava de ter, desta vez em pensamento e a caminho dos correios, mais uma cena com a tia Rita. “No fim dela senti de novo um desses sintomas que cada vez se tornavam mais claros e sempre mais horríveis em mim: uma vertigem moral. Na vertigem física há um rodopiar do mundo externo em relação a nós; na vertigem moral, um rodopiar do mundo interior. Parecia-me perder, por momentos, o sentido da verdadeira relação das coisas, perder a compreensão, cair num abismo de suspensão mental. Era uma pavorosa sensação esta de uma pessoa se sentir abalada por um medo desordenado. Estes sentimentos iam-se tornando comuns, pare-

⁴³ Fernando Pessoa, *Prosa Íntima e de Autoconhecimento*. (Alteração dos tempos verbais.)

ciam abrir-me o caminho para uma nova vida mental, que acabaria na loucura.”⁴⁴

Já nos correios, após o funcionário me indicar que telefone utilizar, olhei de soslaio para as vidraças escuras da porta da rua. Encarar a minha fácies, metade pincelada de branco e a outra impecavelmente barbeada, e o meu cabelo completamente desalinhado, devolveu-me à consciência o meu aspecto. Parecia um louco e voltei a lembrar-me da tia Rita e da avó Dionísia enquanto abria *O Século* na acanhada bancada sob o aparelho telefónico. Eu ia telefonar e mais tarde, na posse da minha tipografia, aquele espectro de louco não passaria de uma memória vaga como a de um sonho que nunca se teve.

Fechei o negócio das máquinas pelo telefone, sem ver nada antes. Só como um louco faria, assomou à minha ideia essa constatação, já no comboio a caminho de Portalegre, onde as máquinas se encontravam.

Os planos existiam, porém talvez surja a dúvida sobre a experiência. Eu tinha uma grande falta de experiência, é verdade, mas de mim mesmo. De resto, havia uns meses que adquirira um mimeógrafo para imprimir os meus jornais. Esta pequena máquina de realizar cópias não era comparável àquelas que eu acabara de comprar pelo telefone, mas tinha a mais-valia de me ter dado a certeza de ser pouca para os meus projectos. Era limitada demais para dar vazão a tudo o que me ia na cabeça: “Versos ingleses, portugueses, raciocínios, temas, projectos de coisas que não sei o que são, cartas que não sei como começam ou acabam, relâmpagos de críticas, murmúrios de metafísica...”⁴⁵ A minha pobre cabeça era a rua do Arsenal em matéria de movimento.⁴⁶ Era tanta coisa que não me podia fiar num mimeógrafo para as imprimir, nem na minha própria memória para as guardar. “Tenho a alma num estado de rapidez ideativa tão intenso que preciso fazer da minha atenção um caderno de apontamentos, e, ainda assim, tantas são as folhas que tenho a encher, que algumas se perdem, por elas serem tantas, e outras se não podem ler depois, por com mais que muita pressa escritas. As ideias que perco causam-me uma tortura imensa, sobrevivem-se nessa tortura, escuramente outras.”⁴⁷

Suspirei; a Íbis, o nome da empresa que eu acabava de formar, mais concretamente Empresa Íbis — Typographica e Editora — Oficinas a

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ Carta a Mário Beirão, 1 de Fevereiro de 1913, in Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*.

⁴⁶ Adaptado de Carta a Mário Beirão, 1 de Fevereiro de 1913, in Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*.

⁴⁷ Carta a Mário Beirão, 1 de Fevereiro de 1913, in Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*.

Vapor, iria aliviar-me. Seria o remédio para o que se passava na minha cabeça sempre congestionada pelo trânsito de ideias, projectos, poemas iniciados e nunca acabados pela incapacidade de colocar em papel tudo, mas tudo o que vagueava no seu interior. Contudo, a aventura da Íbis iria ensinar-me o que eu já desconfiava, a vida da imaginação era mais fácil do que a vida real e, talvez mesmo por isso, a que mais me atraía.

O deserto do Alentejo, emoldurado pela janela do comboio na viagem para Portalegre para ir buscar as máquinas para a minha tipografia, inspirava-me palavras que, esperançosamente, junto no papel para não as perder.

*“Alentejo seen from the train”
Nothing with nothing around it
And a few trees in between
None of which very clearly green,
Where no river or flower pays a visit.
If there be a hell, I’ve found it.
For if it ain’t here, where the Devi lis it?”⁴⁸*

Para um espírito como o meu, Portalegre não era adequado. Era certo que as minhas concretizações davam-se mais no plano da imaginação, mas naquela terra eu sentia-me cansado de não fazer nada e penso que não havia naquele lugar mais do que fazer do que não fazer nada e isso incomodava-me, apesar da minha natureza que se inclinava mais para a não acção. Ocupei-me com o desmontar da tipografia e o embalamento das máquinas para seguir viagem para Lisboa, pois de outra forma julgo que teria morrido de tédio. Se ali tivesse de “ficar um mês, ao voltar para Lisboa iria direito para o — Hotel Bombarda”⁴⁹. “Havia uma hipermaçadoria, um ultra-cansaço-de-tudo-e-nada, uma absoluta e infernal inabilidade para fazer seja o que for que reinavam no meu espírito!”⁵⁰ E tudo acabou por ser isso mesmo. Sita da rua Conceição da Glória, a “Empreza Íbis — Typographica e Editora — Oficinas a Vapor” faliu sem mesmo

⁴⁸ “Alentejo seen from de train”, in João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa — História de uma Geração*. Tradução de Jorge de Sena: Alentejo visto do Comboio / Nada com só nada à volta / E umas árvores à mistura / Nenhuma delas verdura, / Que rio ou flor não enflora. / Se há inferno, dei com ele, / Pois se não é aqui, onde diabo será ele?

⁴⁹ Carta a Armando Teixeira Rebelo, 2 de Agosto de 1907, in João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa — História de uma Geração*.

⁵⁰ Adaptado da Carta a Armando Teixeira Rebelo.

ter chegado a exercer. Minto, ela ainda imprimiu livros de facturas para a empresa do meu primo.

Não posso dizer que este desfecho não fosse de alguma forma de acordo com o meu temperamento, pois os nossos sonhos devem permanecer nossos e não do mundo, como os próprios se tornam depois de concretizados. Antes assim, mais um sonho por concretizar, mais um sonho do qual eu não teria ciúmes, não me sentiria enganado.

O dinheiro da avó louca acabou rapidamente e não me restou nada a provar que ele tivesse alguma vez existido. Somos livres quando não somos obrigados a procurar forma de ganhar dinheiro para sobreviver, quando a penúria não nos obriga a convivermos com os outros pela simples razão de termos de conviver com eles porque trabalham no mesmo lugar que nós. Penso que esta terá sido uma das razões que me levou a abandonar o meu curso superior, o ser obrigado ao convívio, o confinamento com outras pessoas na mesma sala. Esta era a tragédia que trazia comigo, a minha avó tinha-me oferecido a liberdade e eu tornei-me novamente cativo.

Apesar de a opressão da vida me obrigar a conviver com os outros, conseguira escapar a um emprego com horário fixo e local certo. Se não podia viver liberto dos outros, pelo menos fazia-o às horas que mais se adequavam a minha natureza e algumas horas apenas em cada sítio para que a monotonia dos mesmos rostos banais não me maçasse. Fazia em vários escritórios da baixa a tradução de correspondência comercial, por isso designava-me a mim mesmo como “correspondente estrangeiro”. E havia uma ironia nesta designação, eu era um estrangeiro na minha família e agora também no meu emprego. Era o “correspondente estrangeiro”, mas poderia ser igualmente o “correspondente Fernando”, porque aquele estrangeiro não é um adjectivo, é um substantivo, tal como Fernando, quando aplicado a mim, é um adjectivo sinónimo de só, que por sua vez significa “aquele que não tem família”.

Sendo aquele que não tem família e por as ironias me acompanharem, encontrei um tio no irmão do papá que era o meu padasto. O general Henrique dos Santos Roza, Cavaleiro da Ordem de S. Bento de Avis, era o meu *Chevalier de Pas* renascido, ou melhor, regressado. Ambos tinham o espírito pessimista de um filósofo, mas este *Chevalier* era o primeiro poeta que eu conhecia em carne e osso. Além disso, a vasta biblioteca do tio Henrique, com os livros de autores portugueses, de teosofia e espiritismo, era um local de grande interesse para mim.

Compreendo hoje, talvez porque não consiga dormir e as verdades da vida aparecem-nos com mais clareza de noite, que os versos do general eram maus. Dizia eu deles, então, que eram muito pensados e trabalhados. Percebo hoje, porque não durmo nem tenho esperança de conseguir dormir, que essa era uma forma apiedada de dizer que não eram bons. Um cão ganiu debaixo da minha janela. Era noite, porque não dormia aquele cão? Porque me acompanhava ele na minha insónia de todas as noites? Como uma mola elástica que me levou subitamente para fora dos meus pensamentos, regresso com a mesma rapidez para os mesmos.

Caminhava em direcção a casa do meu tio general, na Praça Rio de Janeiro⁵¹, com passos que me pareciam não ser meus. Eram lentos. Tinha a sensação, muitas vezes, de andar em dois mundos diferentes em simultâneo, por isso, não raras vezes, sentia os meus passos descoordenados. A vida real nauseava-me, mas a imaginada não me causava menos repulsa, porém caminhava entre estes dois mundos. Sentia-me “lúcido, triste como um dia frio”⁵².

Um ganir agudo interrompeu o meu raciocínio. Um cão amarelo gania ao ver aproximar-me e logo um castanho juntou-se-lhe e imitou-o. Ganiem olhando para mim. Não me seguiram, mas imediatamente um cão malhado também ganiu quando passei diante dele. Ouvi um ganido esganiçado e senti-me compelido a procurar a sua origem. O cão malhado era afinal uma cadela e era do seu pequeno cachorro o ganido estridente. Era sempre assim, não sei o que isto queria dizer, mas tinha a certeza que havia algo em mim que fazia os cães ganirem.⁵³

Finalmente, o número 33 da porta do meu tio aparecia-me como um toro que surge subitamente à deriva para auxiliar um naufrago. Um

⁵¹ Actual Praça Príncipe Real.

⁵² Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*.

⁵³ Inspirado em “O Fernando era muito supersticioso, especialmente com cães a ganir. Dizia que quando ia para casa, à sua passagem, os cães ganiem, e que isso significava haver qualquer coisa nele que os fazia ganir.” *In* Maria da Graça Queiroz, *O Fernando e Eu* (relato de Ophélia Queiroz, destinatária das Cartas de Fernando Pessoa).

náufrago... estaquei. As pernas pareciam não me obedecer. Senti-me “abandonado como um náufrago no meio do mar. E que sou eu senão um náufrago, afinal?”⁵⁴

Refiz-me da pena de mim próprio e subi as escadas, toquei à campainha e esperei que a empregada viesse abrir. O meu tio sofria de uma doença misteriosa de carácter nervoso que o conceituado Dr. Egas Moniz, que me ajudara a mim em tempos, não conseguia descortinar. Cria-se que teria tido origem em África, quando o meu tio trabalhou como Engenheiro na Empresa de Obras Públicas de Angola, construindo pontes.

— Boa-noite — disse timidamente, ao reparar que o tio não estava sozinho.

— É o meu sobrinho — avisou o general ao homem que estava com ele. — Fernando Pessoa, Camilo Pessanha.

Apertei a mão que o desconhecido me estendia. Incomodava-me o convívio com estranhos, mas tornava com frequência à casa deste meu tio emprestado mesmo sabendo que episódios como este se repetiam quotidianamente. Fazia-o porque o deleite de travar conhecimento pessoalmente com os autores das obras que eu só agora descobria fazia-me ultrapassar qualquer temor e desconforto de espírito, justamente porque eles enchiam o meu espírito. Camilo Pessanha recitou-me logo ali alguns dos seus poemas e “ guardei dessa hora espiritualizada uma religiosa recordação ”⁵⁵, assim como de muitas outras onde tive o privilégio de conhecer alguns dos grandes vultos da nossa cultura. E assim sendo, como me poderia interessar o Curso de Letras da faculdade, se eu podia ouvir as discussões do tio com Teixeira Pascoaes, Augusto Gil ou Costa Ferreira? As aulas na faculdade eram dias perdidos, mas as horas em casa do general eram noites ganhas.

Penso que fomos um para o outro o sonho um do outro. Não sei o que ele sonhou, mas nunca concretizou nada, a não ser alguns poemas que guardava manuscritos e encadernados a couro e inúmeras garrafas vazias que eu encontrava sempre junto à sua cabeceira nos dias em que não conseguia levantar-se para me receber na sala. Mesmo sentindo náusea pelo sonho e vivendo o mais quotidiano do real que me nauseava igualmente, havia no general algo que eu gostaria de vir a ser. Eu era jovem naquela altura, penso que mais jovem do que então julgava ser, e com todos os sonhos do mundo que o meu tio via em aberto para mim. Ambos escrevíamos poemas e isso aproximávamo-nos mais do

⁵⁴ Adaptado de Fernando Pessoa, *Prosa Íntima e de Autoconhecimento*.

⁵⁵ Carta a Camilo Pessanha, 1915?, in Fernando Pessoa, *Páginas de Estética e de Teoria Literárias*. (Alteração do tempo verbal.)

que outra coisa qualquer poderia. Embora a minha vida fosse ignóbil e não consiga compreender que parte dela poderia agradar a um homem como o general, penso que ele gostaria de ter sido eu. O que apenas me parece plausível mais pelas possibilidades que ele via em mim do que por aquelas que de facto existiam. Esse é o problema dos sonhos, podemos sonhá-los de forma intensa e constante, ou não, mas são sempre melhores do que a realidade. O general embebedava-se à ceia de álcool e daquilo que cria ver em mim.

O meu tio tinha um espírito maravilhoso e uns olhos verdes de berlinde, mas era incapaz de se apartar da companhia dos homens. Vivia rodeado de gente: intelectuais e poetas. Ele apresentou-mos a todos eles. Porém, eu que tinha e tenho dificuldade em partilhar a sala com outros, que preferia a solidão e o silêncio — como o das noites insones —, permitia-me que a fome pelo conhecimento, opiniões sábias e a curiosidade fossem alimentadas por aquelas tertúlias de poesia, de filosofia, ciência e de política.

A monarquia vivia os seus últimos estertores. Era uma questão de tempo para D. Manuel abdicar e o país tornar-se uma república e este era um tema recorrente nos serões literários da casa do meu tio. A morte tinha sido disforme para o rei e o infante mortos, sobretudo para o príncipe atingido na face, mas tornara-os finalmente superiores ao homem comum, pois libertara-os.

Alexander Search saudou o regicídio, mas morreu três dias depois. Eis o seu epitáfio:

*“Here lies a poet who was mad and young
The two things may go together;
As to the songs he sung,
They were found in winter weather.”*⁵⁶

Foi também com o general que ganhei o gosto pelo vinho bom quando à noite descíamos a rua até ao Largo do Chiado e ele fazia da Brasileira uma extensão da sua sala. Embora, muitas vezes no futuro, eu viesse a trair esses ensinamentos, bebendo do que tivesse à mão e do que podia pagar.

Era-me difícil o contacto com os outros, um simples almoço ou jantar podia constituir um suplício para mim. Contudo, gostava de almoçar

⁵⁶ Tradução de *Epitaph*/Epitáfio, de Alexander Search, por Luísa Freire, in *Alexander Search — Poesia*: “Aqui jaz um poeta que foi jovem e louco, / Mas as duas coisas podem ir a par; / E quanto às canções que ele cantava, / Em tempo de Inverno as foram achar.”

com o general em tasquinhas e fazia-o sem aquela sensação de me sentir forçado a fazê-lo, pois achava que não era o que os outros esperariam de mim. Não se produzia qualquer angústia em mim por aceitar almoçar com o general. Penso que isso não se devesse apenas à companhia, a qual eu apreciava, mas percebi que sendo louco, ou sendo uma pessoa que caminhava para a loucura, ou ainda alguém que conseguia controlar ímpetos que moravam apenas no foro psíquico sem deixar que eles se manifestassem nos meus gestos, havia outros loucos piores do que eu. Havia pessoas que, tal como a minha avó, demonstravam uma loucura evidente, mas, ao contrário dela, viviam livremente pelas ruas, sem que ninguém se parecesse incomodar com elas e com a sua loucura. Diante deles, passaria a minha loucura, a que já tinha ou a que sabia que viria a ter, despercebida?

Havia, por exemplo, o Homem Macaco. Tinha ataques de epilepsia e isso, segundo se dizia, faziam-no pendurar-se nas varandas mais baixas pelas quais passava. Lembro-me também do Pinheiro Maluco. Ele chamava de porcalhonas e outros nomes as senhoras que passavam, enquanto fazia discursos intermináveis e moralistas, ali mesmo no Chiado. Lembrava-me destes exemplos, mas eram mais. E sei que eram mais, porque, fora estes, havia os outros como eu, os calados, os dissimulados. Aqueles que, com algum esforço, conseguiam passar como lúcidos perante os outros que tinham como lúcidos.

Demorei a concluir, não sei por que razão definível levei tanto tempo, que o general também era louco. Demorei um pouco mais a conseguir pôr por palavras esta conclusão. Eu tinha em alta opinião o seu génio. Conservava ainda o caderno com os versos que copiei dos manuscritos preciosamente encadernados e engavetados desta figura que eu tanto cultuava. Mas vejo quão certa era esta revelação que fazia a mim mesmo ao relembrar-me que, para o fim da vida, o general era incapaz de se levantar da cama, quando certa manhã, ao ouvir o padeiro discutir com a sua empregada, subiu-lhe um acesso de cólera e ele desceu as escadas, do primeiro andar onde se encontrava até ao rés-do-chão, e expulsou-o. Logo a seguir, encerrou-se no quarto e voltou para a cama, para junto dos seus companheiros habituais: a aguardente e os livros. E tudo isso era uma doença que ninguém conseguia diagnosticar.

Apesar da sua loucura — percebo agora porque demorei tanto a concluir acerca do seu estado mental, porque essa talvez fosse a génese do que nos mantivera próximos —, foi graças a ele, e à tertúlia literária que se formou à sua volta, que comecei a ler os autores nacionais, como Cesário Verde, Antero, Junqueiro, Gomes Leal, José Duro. E, claro, Henrique Roza.

Ainda não notava perfeição artística flagrante no que escrevia, mas foi por altura destes encontros que se deu, talvez, a minha maior evolução: comecei a escrever em português. Antes disso, até os apontamentos nos meus cadernos eram feitos em inglês. À medida que se ia complicando a minha teia de conhecidos, interiormente o meu vocabulário sofria a mesma prodigiosa complexização — perdão, complexidade —, deixando para trás a intimidade com o inglês e também com o Search.

De noites regadas a vinho tinto a noites regadas a xerez, além dos autores nacionais também descobri os simbolistas franceses e também festejei a implantação da república. Não me desagradava a política ditatorial de João Franco sob o reinado de D. Carlos, mas Portugal era um país de iletrados e de letrados incultos, que só teria esperança de melhorias com o fim da monarquia e as entradas dos ares novos da Europa. Era o que eu tentara fazer, de alguma forma, com a Empresa Íbis: revolucionar. Não seria pelas armas, mas com a edição de obras, antigas e modernas, portuguesas ou estrangeiras, que agitassem o marasmo cultural português. “Sim, fique aqui escrito que amo a pátria doloridamente” e se eu não estivesse num estado em que as coisas perdiam o sabor a vida que deviam ter, haveria dentro de mim o ânimo de que Portugal se fizesse melhor.

Depois da Íbis fechada, desactivada, encerrada — não sei que verbo utilizar para se dizer que fechou funções uma empresa que não chegou a abri-las —, mudei-me para o Largo do Carmo e, mais tarde, com a vinda da tia Anica dos Açores, para o número 24 da rua Passos Manuel. Deveria sentir diminuir em mim a solidão, mas todos os quartos me pareciam o mesmo. O quarto sombrio do rés-do-chão, o quarto no Largo do Carmo e o quarto de família na Passos Manuel eram todos um. Em todos sentia as minhas sensações adoecerem, ou a forma como as sentia dentro de mim adoecerem, como se a inutilidade de as sentir as tornasse por isso inúteis. Em todos sentia aquele grande tédio e incerteza sobre a minha dolorosa e estéril vida.

Por vezes, sentia-me prender num pormenor vulgar, uma mancha de humidade na parede ou uma dedada num vidro, tornando essa atenção na grande vitória da minha vida ou no triunfo da fúria de sonhar, ou de entressonhar, ou de não fazer nada. Com o mesmo afã de perceber tudo de um cientista, eu desejava perceber claramente todos estes pormenores, estas minúcias. Como preparação sob a lente de um microscópio, interessava-me cada pormenor do que me tinha chamado a atenção. Porém, essas observações, nas noites em que as tinha — e deixava de lado a narração das minhas confissões em verso do cansaço de mim próprio, da hipermaçadoria de mim mesmo —, tinham como

único propósito o atraso da conclusão a que invariavelmente chegava: eu vivia na solidão.

Eu estava e sentia-me só. Voltar a viver com a família não alterava esta minha condição. Contudo, havia algo que, mesmo colocado sob o microscópio do meu escrutínio, eu não conseguia ainda perceber: se o que me doía mais era a solidão só por si ou fazer-me doer ela fazer-me doer. Pois “ainda não consegui não sofrer com a minha solidão. Tão difícil é obter aquela distinção de espírito que permita ao isolamento ser um repouso sem angústia.”⁵⁷

O isolamento obtido depois de fechar a porta do quarto era um isolamento estranho. Era uma espécie de isolamento acompanhado, por mais sem sentido que estas duas palavras juntas pudessem ser. Enquanto a luminosidade baça dos candeeiros a petróleo que circulavam do outro lado da porta pelas mãos das minhas tias-avós escoasse pelas frechas da porta, assim como os seus passos que ressoavam no soalho velho do corredor e da sala — sobretudo os da tia Anica, que era a última a deitar-se —, eu sentia uma solidão acompanhada. Era nesse momento que me interessavam os pormenores do vulgar. Porém, também sabia que esse interesse desconcertante era também um interlúdio para a solidão que viria depois. Semelhante, creio eu, a todas as luzes do universo terem-se apagado.

⁵⁷ Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*.

Fixo a parede dianteira sem nada ver. Levanto-me, acendo o candeeiro a petróleo abandonado na mesa-de-cabeceira e é como se uma centelha se acendesse na vastidão do universo. Essa é a dimensão do meu quarto e daquela luz. Essa é a dimensão da minha solidão.

E todos os versos do universo, os que já foram escritos e os que todos os poetas ainda hão-de escrever, volteiam na minha cabeça, como que a zombar por eu não conseguir apanhar nenhum. E sinto-me invadido por uma epifania divina sem razão de deus: e se existir apenas um único verso, daí a razão por o universo se chamar “uni-verso” e por todos os meus versos terem o valor que têm?

Sinto um desvairamento tal, como se tivesse deixado de ser senhor da minha lucidez. Eu vivo preso num dilema sem solução: “A solidão desola-me; a companhia oprime-me.”⁵⁸

⁵⁸ *Ibidem.*

Havia noites, na casa da tia Anica, que eu sentia esse dilema atenuar-se. Era nas noites em que a tia fazia sessões de espiritismo para comunicar com o Além. Ou, despindo a sentença das vestes do eufemismo, para comunicar com os mortos. O assunto interessava-me, mas, como dizia a tia Anica, eu era o elemento atrasador. Os mortos não se manifestavam na minha presença.

As ciências ocultas despertaram a minha curiosidade desde muito cedo. Ainda nos tempos de África, tentava conhecer o carácter das pessoas através dos ossos da cabeça e olhava fixamente para uma luz na tentativa de me hipnotizar. Cheguei a comprar livros esotéricos de quiromancia e tentar ler o destino na palma da minha mão. Sei hoje que foram horas inúteis. O meu destino era o que sempre foi e o que sempre soube. Só compreendia essas horas sacrificadas às leituras várias do oculto vendo-as à luz de um leitor de romance descontente, lendo e relendo vezes sem conta o mesmo livro na tentativa de que a cada vez o seu fim mude.

Talvez por isso, na tentativa que se não o fim então o meio do romance seja outro, eu ia encomendando horóscopos. Primeiro foi ao senhor Newton Nativity, em Londres, a meio do ano de 1909. Ele enviou-me um estudo longo, que ia desde 1909 a 1933. Depois, nos últimos meses do mesmo ano, encomendei a *Old Sol* um outro estudo, com as previsões mensais de Dezembro de 1909 a Dezembro de 1910.

Ninguém sabe o que o amanhã trará, mas eu pretendia sabê-lo. Era-me tão difícil viver como era, como poderia ainda suportar a ansie-

dade do dia depois de amanhã sem perceber ver respondidas as grandes questões que me atormentavam: encontraria o amor; seria eu, ou viria a ser, louco; alcançaria a fama?

Apesar de não ter sido a primeira pergunta, procurei com os olhos avidamente a resposta a ela. Respirei imediatamente fundo. *Old Sol* não via em mim sinais de insanidade, mas eu tinha de ter em mente que as minhas ideias eram muito diferentes das da maioria das pessoas e por isso poderiam ser consideradas algo excêntricas. Nada mais... Nada mais, reconfortei-me, e saltei para a resposta que, a seguir a esta, mais me interessava: atingirá uma larga fama se se aplicar diligentemente, se não se permitir ser desencorajado pela falta de apreciação e se for perseverante.

Era à minha família que *Old Sol* se referia, pensei.

Prossegui, vagamente interessado nas restantes respostas, pois eu não era louco e iria alcançar a fama que tanto almejava.

Mais tarde, nesse mesmo ano, encomendei um estudo a *Mercury, The Old Astrologer*, e anos depois, em 1918, escrevi ao editor do *Bristish Journal of Astrology* pedindo-lhe o horóscopo para a época pré-natal e para a minha hora correcta de nascimento. Também encomendei em 1921 um mapa dos céus. Mas em todos os estudos e horóscopos, até os feitos por mim para mim, obstinadamente verifiquei todos os acontecimentos da minha vida através das técnicas astrológicas. O meu cepticismo precisava validar esta ciência. E estava tudo lá: a morte do meu pai no dia exacto que o método de prognóstico indicava, a morte do meu irmão com uma precisão de quatro dias, o segundo casamento da minha mãe, a chegada a Durban, o regresso a Lisboa... Até o Orpheu lá estava! O Orpheu? Bom, já lá iremos ao Orpheu. Voltemos às sessões espíritas com a tia Anica...

Eu era o elemento atrasador daquelas sessões, mas era com a minha prancheta que a tia comunicava com os mortos. Recordo esses serões como se nenhuma hora tivesse decorrido sobre eles. Sentávamo-nos todos — eu, as tias e a filha da tia Anica — numa mesa de pé de galo, no centro com a prancheta que eu arranjara e nós sentados à sua volta de mãos dadas. A tia Anica segurava um lápis e ia escrevendo as mensagens que as almas do outro mundo desejavam passar para este. As mensagens não vinham ou demoravam mais a manifestar-se na minha presença. De uma forma, ou de outra, eu voltaria para as madrugadas de insónia de sempre. Os espíritos não me apoquentavam tirando-me o sono. Era apenas eu que não dormia.

A sós no quarto e na casa, pois as tias já dormiam, acreditava que as sessões espíritas eram para elas mais soporíferas do que o leite morno

com canela que levavam para a sua cabeceira. Eu não dormia, como já disse, mas não importa as vezes que me repita, nunca serão tantas quanto as noites acordado que já tive.

Eu não dormia, nem tinha esperança de dormir, a não ser que me desse um tiro na cabeça ou bebesse um copo de estricnina. Ambos eram fins demasiado violentos, e, pior, sem qualquer garantia de sucesso. Como poderia eu saber se a morte era o descanso eterno ou uma eterna hipermaçadoria de vigília? A avaliar pelos mortos da tia Anica, bem poderia ser a segunda, mas ao menos valia-lhes o mundo ser outro e não este.

Sá-Carneiro saberia, lembrei-me. Mas nunca tentei contactá-lo e ele nunca me tentou contactar, se exceptuarmos que a lembrança, só por si, é já um contacto. Lembrar-me de Sá-Carneiro é lembrar-me do que fui e nunca mais serei, embora quando ele era vivo eu me lembrasse igualmente do passado com pena do que já então não voltaria a ser.

Os mortos!

Ah, os mortos! Trazem-nos lembranças que queríamos esquecer. Mas as lembranças são como a morte, não se apagam, embora se esqueçam. Ao lembrar-me de Sá-Carneiro, há sempre em mim algo que se esfria e sinto-me mais sozinho do que sozinho me costumo sentir.

Quando conheci o Mário, ele já me conhecia. Eu conheci-o mais ou menos da mesma forma como o Bernardo Soares conheceu, quando calhava jantar pelas sete horas, aquele indivíduo que jantava na mesma casa de pasto do que ele e cujo aspecto não lhe interessava a princípio⁵⁹, mas que era eu.

Sá-Carneiro já me conhecia devido aos meus artigos na revista *A Águia*, tal como “*A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada*”. Seguir-se-iam “*Reincidindo...*” e “*A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico*”, mas por ora ele apenas me conhecia pelo primeiro.

⁵⁹ *Ibidem*: “O desejo de sossego e a conveniência de preços levaram-me, em um período da minha vida, a ser frequente em uma sobreloja dessas. Sucedia que quando calhava jantar pelas sete horas, quase sempre encontrava um indivíduo cujo aspecto, não me interessando a princípio, pouco a pouco passou a interessar-me.”

Objectos, ideias vagas, memórias vivas são participantes da minha insónia. Como aquele menino de bibe azul que todos os dias se senta ao nosso lado na carteira da escola. Não recordaremos o nome dele dali a vinte anos, dali a menos, mas sempre sabemos que ele existiu, quase como um fantasma sem nome.

No fulgor dos pensamentos que se sucedem pelas horas que passam a caminho da manhã ainda distante, entrou Sá-Carneiro e com ele A Águia e Santa-Rita Pintor. Ah, tantos mortos!

Sá-Carneiro entrou na minha insónia, mas havia muito que ele fazia parte da minha dor e desolação. Fazia parte destas, ainda antes de ter morrido, porque havia muito que eu tinha percebido que ele se suicidaria. Percebia-o, sabia-o, porque as suas inquietações eram semelhantes às minhas.

Tenho saudades do meu amigo Sá-Carneiro é o que posso dizer e, dizendo-o, sei que minto. Haverá, porventura, forma de saber se o que escrevo é verdade, se há muito me aperfeiçoei a mentir, a fingir, a criar, a mistificar? Haverá, porventura, forma de EU saber se o que escrevo é verdade? E se quem o escreve sou eu? É que há muito que conheço e exerço todos os verbos que possam afastar-me de mim, seja este quem for. Digo que minto porque não tenho amigos, nem nunca os tive. E por isso, saudades, se as tive, não podiam ser de amigos.

Conheci o Mário na Brasileira, numa noite de Abril de 1912. Era uma noite de Primavera, tão fria como uma de Inverno, mas que prometia ser seca. Com uma esperança negra, desci até à Brasileira. Caminhei com uma impressão antecipadora de que algo iria acontecer. Alguns candeeiros a gás continuavam apagados e o negrume intimidava-me, parecendo-me que calava tudo. Súbito, foi como se o dia nascesse sem aurora, de imediato formidável. A luz que emanava das janelas enevoadas da Brasileira era como um grito para aquela escuridão surda.

Apressei-me a entrar e ergui involuntariamente os olhos varrendo a sala. Estavam lá as pessoas do costume: o José Pacheco, o Alfredo Guisado, o Ângelo Leal e o da Cunha Dias. Os meus olhos pararam noutra mesa, num homem, nas suas costas vestidas de gabardine. Eram umas costas e uma gabardine vulgares, com o pescoço modestamente encolhido entre os ombros e a cabeça enfiada dentro de um chapéu como que a desejar que a vida o evitasse. Ao lado estava uma pasta nova com papéis novos de coisas novas que ele acabara, com certeza, de escrever naquele dia. Dei por mim a sentir por ele ternura e pena. A ternura e a pena que vulgarmente sentia por mim. Era o Sá-Carneiro.

Havia entre nós muitas similitudes que eu desconhecia então, mas isso explicava o que senti por ele só de o ver de costas. Tínhamos quase a mesma idade, apenas dois anos nos separavam, ele era órfão de mãe e eu de pai — mas era quase o mesmo, pois desde os meus sete anos que parte de mim sentia que a minha mãe morrera quando se voltara a casar.

Faltava-lhe o carinho da mãe e isso era notório na sua obra. “É toda ela atravessada por uma íntima desumanidade, ou, melhor, inumanidade: não tem calor humano nem ternura humana, excepto a introvertida. Porque ele perdeu a mãe quando tinha dois anos e não conheceu nunca o carinho materno. Verifiquei sempre que os amadrastados da vida são falhos de ternura, sejam artistas, sejam simples homens; seja porque a mãe lhes falhasse por morte, seja porque lhes falhasse por frieza ou afastamento. Há uma diferença: os a quem a mãe faltou por morte (a não ser que sejam secos de índole, como o não era Sá-Carneiro) viram sobre si mesmos a ternura própria, numa substituição de si mesmos a mãe incógnita; os a quem a mãe faltou por frieza perdem a ternura que tivessem e (salvo se são génios da ternura) resultam cínicos implacáveis, filhos monstruosos do amor natal que se lhes negou.”⁶⁰

Eu não era um génio de nada, menos ainda de ternura, restava-me ser um cínico implacável. Havia, contudo, algo que me unia a Mário de Sá-Carneiro — só muito depois o percebi claramente. Unia-nos a pena de nós próprios que víamos um no outro e, forçosamente, a pena de um pelo outro. Sá-Carneiro era uma espécie de reflexo inchado de mim. Se quando eu me olhasse ao espelho não visse já tantos outros, talvez o pudesse ver a ele. Além disso, tal como eu, ele desconhecia-se na sua própria pele, vendo mais vezes outro do que a si mesmo.

*“Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.”*⁶¹

Não fui eu que o escrevi, mas podia ter sido. Não o percebi na altura, já o confessei, mas mais tarde concluí que eu e ele éramos iguais.

Havia ainda algo, outro factor que nos unia: ele fizera o seu sobre-nome ganhar um hífen, eu fizera o meu perder um acento circunflexo. Seriam, porventura, ninharias, não podia fazer mais do que concordar, mas ainda assim faria mais do que apenas concordar e lembraria que apreciava observar os pormenores mais vulgares, mais insignificantes e percebê-los claramente. Talvez neles eu pudesse descobrir uma ordem que andava a escapar a toda a humanidade.

Podíamos ser um género de almas gémeas, ou almas companheiras.

⁶⁰ Carta a João Gaspar Simões, 11 de Dezembro de 1931, in *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões* (algumas frases foram encurtadas).

⁶¹ Poema de Mário de Sá-Carneiro, *O outro*.

Que dizia eu? Não acreditava em almas gémeas, nem em almas companheiras, apenas em almas desafortunadas e talvez penadas. E nós, no fundo, éramos ambos apenas pobres almas tristes. Aí estava a nossa similitude. Éramos dois actores da vida a quem o destino dera papéis iguais, mas cujas idiosincrasias próprias nos faziam desempenhá-los de forma diferente.

O Mário editara, no início do ano, *Princípio*, um livro de novelas que dedicou ao pai. Eu tinha gavetas literárias, organizadas apenas na minha imaginação. Não sei o que eram todos aqueles momentos que eu transformara em palavras e em raízes para sempre agarradas às minhas gavetas. Minto, mais uma vez. O tempo que todas aquelas páginas passaram em gavetas foi diminuto. Transplantei-as para uma arca à espera de um dia morar em algum sítio definitivo e criar eu próprio raízes para que os meus escritos pudessem criar asas e voar.

Contudo, de todos os projectos editáveis e não editáveis, dos escritos e dos que ainda revolteavam no meu cérebro e que eu me ocupava em organizar na imaginação, não havia nenhum que pensasse dedicar à minha mãe. Aí estava um exemplo de idiosincrasia, mas logo outro aspecto nos aproximava, o Mário acabava de publicar o seu livro de contos e eu acabava de ver publicado o meu primeiro artigo no quarto número da revista *A Águia*, cujo director literário era o maior poeta vivo da Europa actual, Teixeira Pascoaes. O meu artigo, “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada”, abria o número e tinha por companhia nas páginas seguintes autores já consagrados como Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco.

Não chovia, mas eu sentia a mesma opressão como se chovesse. E fazia frio, mesmo no interior da Brasileira. Aproximei-me e sentei-me juntos dos companheiros de quase todas as noites, sentindo-me como alguém que não pertencesse ali, que não sabe sequer o que é. Ali, fazia menos frio do que do outro lado da Brasileira e sentei-me, contente com aquele pequeno calor como se ele me trouxesse as respostas que eu procurava.

O fumo dos vários tipos de cigarros, a maioria baratos, mesclava-se, fazendo perder a noção se era de facto fumo ou se seria névoa, a mesma que embaciava os vidros da entrada. Havia cinza sobre a mesa, como se eles fumassem inconscientes de si e por isso incapazes de acertar com o cinzeiro, tal como eu quando, nas minhas noites de insónia, deixava cair sobre a cama cinza que não tinha noção de ter deixado cair. Podia ter adormecido por instantes, isto se eu não soubesse que não dormia. Então, não sei o que me teria acontecido, além de uma inconsciência de mim.

Sá-Carneiro tinha um copo de absinto numa mão e o *Princípio* na outra e era este que o embebedava, transformando todos os seus movimentos em gestos incoerentes e imprecisos. Era como se nessa noite voltasse a ter quinze anos. Apesar de já terem decorrido três meses sobre a publicação do seu livro, agia como se *Princípio* acabasse de ser dado à estampa. O meu artigo tinha saído há dias, mas eu sentia-me como se uma mão me apertasse a alma e como se tivesse naquela noite setenta anos. Não podia mais do que imaginar, para o bem ou para o mal da felicidade que nunca tive, não acreditava chegar a tão avançada idade.

Na realidade, em todas as noites, simples e escuras, eu sentia aquele mesmo apertar de alma, um assalto de tédio, um peso maior de idade do que a idade que tinha. Os meus ombros recurvados eram a prova disso. A idade curvava-os. Eu tinha a tristeza de um homem de cinquenta anos e a solidão de um de noventa. Pela média aritmética de ambos, eu tinha setenta anos. Por outro lado, se somasse a idade de todas as pessoas que trazia dentro de mim, teria já vivido mais do que os primeiros homens da *Bíblia*.

Estava na mesa onde todas as noites me sentava, a cada dia sentia-me mais pesado e velho. Sá-Carneiro aproximou-se da minha mesa. Frequentávamos ambos a Brasileira e a Cervejaria Jansen, onde por mais de uma vez já lá tínhamos jantado à mesma hora, coincidentemente, ambos um bife à Jansen. Mas creio que foi na Casa do Carmo, no Largo do Carmo, que o vi pela primeira vez, quando eu, por vezes, lá ia tomar o pequeno-almoço. Por mais de uma ocasião, vi-o a olhar-me de soslaio, mas pareceu-me que a um e a outro faltava aquele rebate de coragem para nos dirigirmos. Então comíamos na companhia do nosso próprio silêncio. Eu evitava olhá-lo, mantinha os olhos sobre o meu prato. Não queria que os nossos olhares se encontrassem e isso, por alguma daquelas conveniências sociais que abominava e não compreendia, me fizesse sentir a obrigação de lhe falar. “Pesa-me, aliás, toda a ideia de ser forçado a um contacto com outrem.”⁶²

Embora em nada os nossos traços se assemelhassem, havia algo no seu rosto, nas suas feições, que me fazia lembrar alguma coisa do meu. O meu rosto era pálido e esquelético, o dele moreno e trazendo à memória uma lua cheia. Contudo, teimava em ver nos traços do rosto dele algo consistente com o meu ou com o do Crosse, ou o do Search — paz à sua alma. Não sei ao certo. Só sei que havia qualquer coisa de indefinível nele que me parecia familiar e me suscitava uma certa curiosidade até ao ponto onde sou capaz de ser curioso com os outros.

⁶² Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*.

— Gostei do seu artigo — disse-me ele, apesar de termos cumprido havia dois dias o nosso ritual de almoçarmos na Casa do Carmo em silêncio um do outro.

— O meu sobrinho é brilhante — afirmou o meu tio general, com um brilho e um orgulho paternal nos olhos e uma palmada que me acertou nos ombros e me atirou para a frente, afogando o meu agradecimento.

Por sorte, estava sentado, mas tive a impressão de conseguir ver a minha figura com uma atenção externa e logo me senti nauseado de mim mesmo, do ridículo humano que me vestia como um traje simples.

— Sei que o secretário da revista já recebeu vários remosques de escritores e poetas acerca do meu vaticínio do advento do supra-Camões⁶³ — contrapuz, para amenizar o comentário do meu tio.

— Gostei sobretudo da sua argumentação, da forma como compara e analisa vários períodos da literatura francesa e inglesa para provar o que diz. Compreende-se que é um grande conhecedor da literatura desses dois países.

— Comecei as minhas leituras pelos clássicos ingleses.

— Eu prefiro os autores franceses...

Sá-Carneiro era isto. Ele era um eterno ofuscado com Paris, um deslumbre próprio de quem é criado em cidades pequenas. Quem, como eu, vivera numa cidade grande tomava como normal as coisas que deslumbravam Sá-Carneiro. Essa era outra das nossas dissemelhanças: ele ainda não perdera a capacidade de se maravilhar. Ainda que essa capacidade fosse apenas com os *boulevards* parisienses, mais fantasiados do que reais, que a sua imaginação de criança guardara da única visita a Paris, aos 14 anos, com o pai.

“E isto leva a crer que deve estar para muito breve o inevitável aparecimento do poeta ou poetas supremos, desta corrente, e da nossa terra, porque fatalmente o Grande Poeta, que este movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões”⁶⁴, escreveu eu no artigo de *A Águia*. “Prepara-se em Portugal uma renascença extraordinária, um ressurgimento assombroso.”⁶⁵

— Tem ideia de quem será esse supra-Camões? — perguntou Sá-Carneiro, não sei se por querer saber, se apenas para manter acesa a conversa que tanto lhe custara encetar.

Não, respondi-lhe, mentindo. Eu vaticinava no artigo o aparecimen-

⁶³ O secretário da revista *A Águia* confessa ter recebido “remosques”, *Ocidente*, vol. XXIV, nº 80, in João Gaspar Simões, *Vida e obra de Fernando Pessoa — História de uma Geração*.

⁶⁴ Fernando Pessoa, *Textos de Crítica e de Intervenção*.

⁶⁵ *Ibidem*.

to de mim próprio. Eu era o supra-Camões do artigo, embora não ousasse confessá-lo, nem publicara ainda nenhum dos meus poemas.

A vida de Sá-Carneiro estava marcada pela fatalidade ornada de estranheza. Aos catorze anos ele precisava ainda de ajuda para se conseguir vestir. Sozinho, mal conseguia fazê-lo. Creio que fora vítima de um infortúnio contrário ao meu: excesso de mimo e cuidado por parte da família. Apesar disso, continuava a ser como eu, um amadrastado da vida, porque nada substitui o carinho e o amor de uma mãe.

— Este ano tem sido frutífero para mim em publicações. Além do livro de contos, publiquei uma peça de teatro em três actos, chamada *Amizade*.

A voz de Sá-Carneiro retraiu-se ao pronunciar a palavra *Amizade*. Acreditei ver nessa reacção outro ponto em comum entre nós, pois nunca tive talento para a amizade. Inclinei-me ligeiramente na sua direcção; o meu interesse por ele redobrava à medida que os traços do seu rosto se revestiam de uma tristeza própria dos dias em que vemos toda a nossa esperança perdida. Talvez estivesse diante de mim o companheiro que a vida sempre me negou.

— Não escrevi a peça sozinho, sabe. Nem foi coisa recente. Tinha-a escrito há alguns anos, com um colega do Liceu Camões... — Sá-Carneiro fez um trejeito que lhe repuxou o canto do lábio, parecia ter-se recordado de uma lembrança tenebrosa. — Escrevi-a com o Thomas Cabreira Júnior. Ele era um ano mais jovem do que eu...

— Era? — interrompi-o, contra o meu feitio, mas Sá-Carneiro prendera por completo a minha atenção.

— Sim, ele já não está entre nós. Fez um ano... Eu subia os degraus do liceu e ele estava lá, parado no patamar da entrada. Outros colegas subiam também aquela meia dúzia de degraus, ele parecia paralisado... — repetiu, revivendo mentalmente aquele dia, embora de uma forma mais lenta do que acontecera — ...mas não estava. Ele olhou para mim. Olhou para mim com um olhar estranho e, sem perceber como, vi-lhe o cano de um revólver encostado à cabeça e... — Sá-Carneiro desviou os olhos, húmidos, de mim. — Mas sabe do que me lembro mais desse dia? — perguntou-me sem esperar resposta. — Lembro-me das árvores despidas da entrada. É disso que me lembro melhor. Olhei para trás, sem conseguir encarar o meu amigo e o seu sangue que se espalhava e gotejava de um degrau para o outro. Tive a sensação que aquele escoar era o único movimento do mundo, tudo o resto tinha parado. Não consegui olhar e então olhei para trás. Era a hora de entrada, tenho a certeza que o lugar estava cheio e, contudo, eu não conseguia ver ninguém, nada para além daquelas árvores despidas. Não havia nem uma folha no chão

a lembrar que elas, apesar de tudo, ainda tinham vida. E havia ainda o clac, clac, do sangue a cair de degrau para degrau, como o matraquear dos ponteiros de um relógio numa noite de insónias a trazer-nos a triste memória da nossa existência.

Ele também era uma alma torturada pela insónia, pensei, antecipando alguém próximo, mas eu não tinha amigos próximos ou íntimos, nem sabia como tê-los. As amizades que eu concebia eram sempre diferentes da realidade. Não, eu não tinha amigos e o dele acabava de morrer outra vez.

— Mas sabe o que de facto me incomodava? — Meneei levemente a cabeça. — Mais do que o gotejar do sangue, eram os seus olhos. A morte tinha congelado aquele olhar que ele me lançara instantes antes de morrer. Do Além, aqueles olhos continuavam com aquela expressão, mas agora sob um brilho vítreo e raiado.

Acompanhei Sá-Carneiro no copo de absinto. Eu tinha ainda os lábios no copo e já ele retirava um papel envelhecido, nitidamente pelas vezes que fora já dobrado e desdobrado, da algibeira interior do seu paletó.

— Escrevi um poema para ele. Bem, não é exactamente um poema, não é ainda um poema. É alguma coisa... São umas palavras que me aparecem sempre que penso nisto, sempre que penso nele e que decidi alinhar. Veja bem, não lhes dou qualquer importância, afinal não sou um poeta, sou um escritor, mas... Bem, é isto — disse, lendo:

— *“A nossa amante era a Glória
Que para ti — era a vitória,
E para mim — asas partidas.
Tinhas esp’ranças, ambições...
As minhas pobres ilusões,
Essas estavam já perdidas...”*⁶⁶

Os versos eram bons, mas não lhe conhecia outros, não podia opinar sobre a sua ascensão artística, nem sobre a definição do seu estilo, embora me parecesse já próprio. O meu elogio pareceu espantá-lo. Creio que na altura não se teria em boa conta como poeta, pois como o próprio dizia, ele não o era. Mais tarde diria que tal como há escritores que pintam, ele era um escritor que fazia poesia. E que poemas Sá-Carneiro era capaz de fazer!

Deixei a Brasileira quando ouvi o carrilhão da Igreja da Nossa Se-

⁶⁶ Excerto de um poema de Mário de Sá-Carneiro, *A um suicida*.

nhora da Encarnação anunciar as nove horas, desculpando-me com as horas. Eu colocara à minha volta grades imaginárias mas inultrapassáveis, se ficasse mais, talvez sentisse a tentação de abrir as portas para o meu jardim àquele homem de gabardine que eu acabava de conhecer. O propósito das grades era vedar a outrem a aproximação a mim, ao mesmo tempo que poderia, através das grades, ver quem me espreitava. Sempre a atenção da minha vida foi verificar se as portas do jardim permaneciam fechadas.

Desci a rua Garrett depois a Nova do Almada, mas estaquei a meio. Eu era míope, mas ouvia muito bem. Via menos do que poderia se usasse a graduação certa e as lentes limpas. Usava a graduação suficiente para não andar pelas ruas aos tropeções nos postes e degraus da calçada e a certa para ver o mundo ao longe com uma bruma branda ou uma contínua sombra de véus.⁶⁷ Tinha 12 graus de miopia, mas apenas 3 dioptrias em cada lente eternamente suja. Era-me difícil aceitar que para além de ser pálido, como um morto, desconjuntado, como se tivesse acabado de aprender a andar, ter o peito chato como uma tábua, um nariz como o bico de um papagaio, ser corcovado e magro como se passasse fome, ainda tivesse pendurado no rosto dois fundos de garrafa. Tinha dificuldade em encarar-me ao espelho sempre que era eu e não outro quem aparecia — por isso sempre paguei para que me fizessem a barba. Quando me via, não descortinava em mim senão defeitos e imperfeições e penso que era brando. Não me era possível perceber todos estes defeitos e ainda adicionar-lhes mais um.

“O artista deve nascer belo e elegante, pois o que cultua a beleza não deve ser ele mesmo feio. E é seguramente (?) uma terrível dor para um artista não descobrir absolutamente em si-mesmo aquilo por que ele luta. Quem, olhando para o retrato de Shelley, de Keats, de Byron, de Milton e de Poe, pode estranhar que foram poetas? Todos foram belos, foram amados e admirados, todos tiveram em amor calor de vida e alegria celestial, até onde qualquer poeta, ou, na verdade, qualquer homem pode ter.”⁶⁸

O artista deve nascer belo e elegante. Que me restava então a mim, que tinha nascido feio, senão tentar ser elegante? E, sendo elegante, parecer assim menos feio. Comecei pelos óculos, mas gostava de usar fatos de corte anglo-saxónico que mandava fazer na Casa Lourenço & Santos, a do Hotel Avenida Palace, e de ter camisas da Camisaria Pitta. Ambas

⁶⁷ Segundo José Paulo Cavalcanti, in *Fernando Pessoa, Uma Quase Autobiografia*, Fernando Pessoa usava óculos abaixo da sua dioptria.

⁶⁸ Fernando Pessoa, *Obra em Prosa*.

as lojas eram as mais caras e refinadas de Lisboa.⁶⁹ Porém, tornar-me elegante para parecer menos feio era uma das tragédias da alma, pois reconhecia sempre como falhada e má a minha obra, mesmo sendo o melhor que eu poderia fazer com a matéria-prima que tinha. Ia comprar um fato à Casa Lourenço & Santos, o qual eu deixava sempre por pagar, ou trazia duas ou três camisas da camisaria Pitta sabendo de antemão que a minha tentativa de melhorar a forma como os outros me viam resultaria sempre como imperfeita. Não havia camisas ou fatos no mundo que pudessem alterar a realidade. Eu era feio e isso era tudo.

Parado a meio da rua Nova do Almada porque, como tinha dito, era míope mas ouvia bem, percebi, de uma janela entreaberta, escapar-se um dedilhar de piano que acordou em mim todas as nostalgias do mundo. Aquela melodia era-me familiar, mas não a conseguia identificar. Fechei os olhos. Olhando para dentro de mim, eu não era míope. O prazer cresceu. Os arpejos eram suaves e baixos, parecendo imitar o balouçar suave das folhas nas árvores quando soprados por uma brisa lenta de Outono.

O oscilar vago e metálico de uma tabuleta ferrugenta, acompanhado por um uivo longínquo, não desfez a melodia harmoniosa. Esta era uma ária feita para encaixar no côncavo das almas. Abri os olhos e tirei do bolso interior do paletó a caixa com a palha do tabaco de onça, coloquei o suficiente numa mortalha e enrolei um cigarro. O sabor da cola obrigou-me a um ligeiro esgar, uma quase careta, um quase desmanchar da perfeição dos silêncios entre notas e do silêncio do medo que a melodia findasse.

Deslizei o cigarro entre os dedos selando-o. As unhas e a ponta dos dedos amarelados maculavam a elegância da minha roupa cara. Acendi-o e levei-o à boca, fechando os olhos para degustar o primeiro trago que não engoli. O fumo do cigarro desfazia-se no ar, reconstruindo-me memórias esquecidas e evocando-me momentos perdidos para sempre, porque todos os momentos são perdidos para sempre. Inevitavelmente perdidos para sempre. E transformava as horas passadas em presentes.

Clair de Lune.

Era isso, aquele piano tocava o terceiro movimento da *Suite Bergamasque* de Debussy: *Clair de Lune*. Ele escrevera-o inspirado pelo poema de Paul-Marie Verlaine.

*“Votre âme est un paysage choisi
Que vont charmant masques et bergamasques*

⁶⁹ José Paulo Cavalcanti, *Fernando Pessoa, Uma Quase Autobiografia*.

*Jouant du luth et dansant et quasi
Tristes sous leurs déguisements fantasques.*⁷⁰

Revi-me, de alguma forma, no poema... A minha vida era uma paisagem que eu não tinha escolhido, que passava, sem encanto, por mim, triste e mascarado. A melodia quis fugir de mim. Tornei a fumar o cigarro e todas as memórias voltaram a roçar a minha consciência. O som do piano recordava-me os agora etéreos serões africanos com a mamã ao piano.

Olhei para a janela encantada, a luz dos candelabros coada pelo cortinado puxado, desvendava sombras que eu imaginava e vivi ali as vidas da pessoa que tocava o piano e da que o escutava.

O sino da igreja voltou a tocar, desta vez da Igreja de São Domingos. Foi um toque simples. Uma brisa fria soprou, fechando-me no meu casaco e soprando aquela melodia para longe ao informar-me que eram nove e meia. Consideravam-me o elemento atrasador das sessões espíritas da tia Anica, não queria que fosse por chegar atrasado.

As tias e a prima já me esperavam, sentadas, na ordem habitual, em volta da mesa de pé de galo. Na ordem habitual, havia um lugar vazio. Fumei outro cigarro de onça antes de ocupar o meu lugar. Não fumei memórias com este, pelo contrário. Tentava esvaziar a minha cabeça, por mais que soubesse que a minha capacidade para ter vários sentimentos e várias vidas em simultâneo tornasse isso uma tarefa impossível. A tia Anica olhou-me de soslaio. Recriminava em silêncio o meu atraso. Pensei de imediato que aquela era uma má energia para se começar a noite e pior ainda porque era a tia a condutora das sessões. Os espíritos não apareceriam e a culpa seria minha. Pedi-lhe desculpas no fim, incerto de realmente o ter feito ou de ter imaginado tudo.

Ainda que adulto, eu sentia que continuava a ser a criança a quem tiraram tudo. Estava de novo só no recreio, enxugando as lágrimas compridas que me caíam para o bibe. Porque me deram o recreio se me tiraram os brinquedos? Porque entrou Sá-Carneiro na minha vida se logo depois partiu para Paris?

Sá-Carneiro sonhava com os *boulevards* parisienses na ilusão de que lhe poderiam preencher aquele grande abismo que sentia de ele para ele. Paris não era suficientemente grande para isso. Se mo tivesse perguntado, eu ter-lhe-ia dito. Eu não sabia qual era o remédio para o que

⁷⁰ Tradução da autora: “A sua alma é uma paisagem escolhida / onde máscaras e bergamascas encantadas vão / tocando alaúde e dançando e quase / tristes nos seus disfarces extravagantes.”

ele sentia, só sabia que não havia remédio. Todos os dias, todas as horas eram horas de abismo na alma, no qual o menor grão de areia nos oprime com a intensidade de uma pedra no sapato. Era o que eu sentia e era o que eu sabia que ele sentia. Éramos almas mais próximas uma da outra do que as várias pessoas que sentíamos dentro de nós como se não fôssemos nós.

“Não tenho de forma alguma passado feliz nesta terra ideal”⁷¹, escrevia-me ele. “Tenho mesmo vivido ultimamente alguns dos dias piores da minha vida. Porquê?, indagará você. Por coisa alguma — é a minha resposta.”⁷² Não sei se esta sua resposta me dava vontade de chorar ou de rir. Teria rido de nervoso, de ridículo. Olhar para ele, era como se me visse do lado de fora. Lê-lo era como se me visse por dentro. Nós, que constantemente nos víamos outros, éramos iguais em corpos distantes. Trocávamos versos por carta. Sá-Carneiro não se considerava poeta, apenas um escritor que nos seus tempos livres escrevia versos. Não sei quantos tempos livres teria, uma vez que não ia às aulas do curso que lá tinha ido fazer, mas os passeios pelos *boulevards* eram bastantes. Porém, eu gostava da poesia daquele poeta dos tempos livres.

Lê-lo era muitas vezes como ler-me a mim. Reconhecia mais facilmente as minhas palavras nas cartas de Sá-Carneiro do que nos meus papéis enclausurados na arca que me pareciam ter sido escritos por outros. Ah, Sá-Carneiro, dizeis que “o que há de mais doloroso nisto tudo é que os outros não podem compreender a minha infelicidade”⁷³, mas se eu próprio já me sinto estrangeiro de mim, compreendendo melhor o que escrevestes do que aquilo que eu próprio escrevi. O que poderá haver de mais doloroso do que isso? Seremos já uns exilados de nós próprios?

Oh, meu caro Sá-Carneiro, as saudades que eu teria de si se eu pudesse ter saudades, se eu as pudesse fingir, mesmo sendo elas verdadeiras! Talvez lhe desse também um abraço, daqueles que me queria dar a mim e que me explicou por carta “um desses abraços onde vai toda a nossa alma e que selam uma amizade leal e forte”⁷⁴. Mas isso, também não poderia ser. Era-me impossível dar-lhe um abraço com toda a minha alma, ainda que ultrapasse o desconforto da demonstração de uma

⁷¹ Carta de Mário de Sá-Carneiro, 16 de Novembro de 1912, in *Cartas a Fernando Pessoa*, vol. I.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ *Ibidem*.

⁷⁴ Carta de Mário de Sá-Carneiro, 31 de Dezembro de 1912, in *Cartas a Fernando Pessoa*, vol. I.

intimidade. Era-me impossível dar-lhe um abraço onde fosse toda a minha alma, pois tinha-a fragmentada em mil pedaços.

Havia ainda um outro ponto no qual nos encontrávamos: eu ingressara num curso de Letras em Lisboa como forma de regressar a Portugal e ele num curso de Direito em França como pretexto para estar em Paris. Diferíamos porque eu, que nunca tive coragem para nada, tive a coragem de desistir do meu curso logo no primeiro ano. Sá-Carneiro não encontrava coragem para abandonar o curso, nem para ser escritor, nem para ser poeta.

As tias velhas, a mamã e o meu padrasto achavam que ao deixar o curso perdia a oportunidade de um emprego seguro, como uma cátedra para lecionar ou um alto cargo num ministério ou numa repartição pública, melhor remunerado do que as correspondências que eu fazia em vários escritórios da baixa. Enganavam-se. Não perdi quaisquer empregos, eles é que me perderam a mim. Recebi e declinei o convite feito pelo dr. Coelho de Carvalho para lecionar Língua e Literatura Inglesa na Faculdade de Letras e também recusei a possibilidade de ocupar um alto cargo na *Vacuum Oil Cº*. Obtive as propostas que a minha família tinha imaginado para mim e que julgavam acessíveis só mediante a conclusão de um curso superior. As mesmas propostas de emprego que elas julgavam necessárias para que eu constituísse a família que elas também imaginaram por mim. Mas eu não sabia fazer o que nunca tinha tido. Nunca poderia saber fazer uma família, mantê-la, porque nunca me senti integrado numa.

Diante da minha família tinha uma sensação semelhante à que sentia diante do espelho, ou sozinho. Muitas vezes, diante de um espelho tinha a sensação de não me reconhecer. Olhava-me, reconhecia quem se me apresentava do outro lado e ele não me parecia ser eu. Desde novo que era frequente ver no espelho outros, executando movimentos diferentes dos meus.⁷⁵ Era como se eu não estivesse ali. Com a minha família tinha uma sensação semelhante. Eles estavam lá — padrasto, mamã, irmãos, irmã e tias — e era como se eu não pertencesse àquele lugar. Talvez aquele corpo, aquele que todos viam, sim. Mas eu era não era aquele corpo. Eu era algo que eles não compreendiam e que, por vezes, eu também não. Mas eu fingia. Fingi sempre. Fingi que aquele que viam e com quem falavam, era o seu filho, irmão, e sobrinho.

Eu era a maçada de ter de fingir ser eu.

⁷⁵ Segundo relato de Eduardo Freitas da Costa, in António Quadros, *Fernando Pessoa*: “Conta o seu irmão que era frequente o escritor ver no espelho outras imagens, que não a sua, executando aliás movimentos diversos dos seus.”

ABISMO DE SER MUITOS! NOITE MINHA!

1913 a 1920

Desde hoje estou só, penso.

À noite a sensação de solidão aumenta, a actividade do meu cérebro aumenta e os monstros que me rodeiam aumentam também. São uma espécie de morcegos gigantes que pairam sobre as almas sonolentas vampirizando-lhes toda a vontade de dormir. Nesse momento, parece-me que todos os desejos do mundo são apenas de que eu durma. Eu não consigo. Sedento por dormir, engano-me a mim próprio, o mundo não tem desejos para mim, o mundo não se importa comigo. Mas eu gostava tanto de dormir para não ter de viver.

Além dos monstros que sugam a minha alma de toda a vontade de dormir, há outros, larvas nauseantes que rondam sinistramente, como espectro-testemunhas das minhas derrotas e dos projectos que não realizei mas que ainda trago na cabeça. E são tantos! Há ainda as cobras que emergem, escuras como a própria noite que as cria, que rastejam por entre os papéis da arca, qual féretro de ideias que morreram sem nunca serem mais do que ideias ou poemas que ninguém leu. E eu só quero dormir. Mesmo que nos meus sonhos também venham monstros, ao menos serão outros, não virão dos recôncavos penosos das ideias e dos projectos frustrados. Eu só quero dormir para não viver durante umas horas.

Mas continuo a viver ininterruptamente porque

continuo a não conseguir dormir. Tenho uma arca cheia de papéis, cheia de nada... cheia de sonhos por concretizar, porque nunca dormi. Tenho a sensação de ter passado pela vida sempre acordado. Sei que os papéis se amontoam na arca e sei que nunca poderia ter feito o que sonhei com eles, porque os sonhos são apenas para ser sonhados, não temos mão neles e nem a vida os replica.

Levanto-me da cama, perdido da esperança de conseguir dormir e abro a arca, uma gruta de Ali Babá amalgamada com caixa de Pandora. Os papéis, de hoje e de sempre, amontoam-se: a poesia, a prosa, as ideias a desenvolver, as cartas astrais e até a factura por liquidar da Casa Lourenço & Santos por um sobretudo que eu trouxera sem pagar. Tudo... as cartas de Sá-Carneiro que ele me enviou de Paris... É melhor sonhar estar-se em Paris, sonhar-se a viagem de comboio para lá e sonhar-se o desembarque na Gare du Nord, do que de facto desembarcar-se em Paris e passear pelos Boulevards, pelo Champs de Mars e ver a Torre Eiffel. É melhor sonhar tê-lo feito, do que tê-lo feito de facto. Eu não sonhei ter ido a Paris ou sequer ter desembarcado na Gare du Nord, mas li-o. Li-o através das cartas de Sá-Carneiro e, tal como se o tivesse sonhado, foi melhor do que se o tivesse feito.

Retiro uma das cartas de Sá-Carneiro do molho de cartas de Sá-Carneiro. E sonho que sorrio, porque também é melhor sonhar que se ergue as extremidades dos lábios num sorriso, do que fazê-lo de facto. Também não leio a carta de Sá-Carneiro, escolhida ao acaso do molho de cartas dele, sonho apenas que a leio. Nela, ele instava-me a publicar os meus poe-

mas, dizia-me para não perder energia “em longos artigos de crítica nem tão-pouco escrevendo fragmentos admiráveis de obras admiráveis, mas nunca terminadas”⁷⁶.

⁷⁶ Carta de Mário de Sá-Carneiro, 3 de Fevereiro de 1913, *in Cartas a Fernando Pessoa*, vol. I.

As obras existiam inteiras na minha cabeça. Sempre que tinha uma ideia, que imaginava um projecto, eu via o princípio e o fim dele. Mas em todas as noites sem dormir, novas ideias brotavam como erva daninha por meio de um campo semeado. As ideias surgiam-me mais rapidamente do que aquilo que a minha pobre cabeça conseguia anotar. Também tinha ideias quando conseguia dormir, mas essas escapavam-me e deixavam-me quando eu acordava. Apesar do caderno sempre à minha cabeceira, tinha logo a sensação vaga de algo que se perdeu. Levado pelo ímpeto da escrita, começava a escrever para logo nas primeiras páginas, ou nos primeiros versos, perceber que a minha obra poderia ter sido mais perfeita. Não havia linha em prosa ou verso em poema que não pudessem ser melhores e, no seu conjunto, que não pudessem ser mais perfeitos. Assim que reparava nisto, cessava o meu ímpeto de escrita e todo o encanto da ideia que dera origem à prosa ou à poesia esmorecia, ficando por acabar. E neste momento, “inteiramente trágico, da minha vida, em que era o Atlas involuntário de um mundo de tédio, que quase fisicamente e localmente me pesava sobre os ombros, as minhas faculdades de análise tornaram-se-me uma coisa que eu sabia que tinha mas que não sabia onde estava”⁷⁷.

Sá-Carneiro pedia-me que concluísse os meus versos, que os reunisse e os publicasse. Era-me mais fácil começar do que concluir. Os meus

⁷⁷ Carta a Jaime Cortesão, 22 de Janeiro de 1913, in *Textos de Crítica e de Intervenção*. (Alteração dos tempos verbais.)

entusiasmos tinham a duração e a intensidade de um *ignis fatuus*⁷⁸. Tudo começava sempre por me parecer grandioso, perfeito e servindo o propósito de melhorar a humanidade. Oh, mas aí de mim, que mal reparava na imperfeição do poema que podia ter sido mais perfeito, ou nas poucas linhas de uma novela que podiam ser melhores e mais intensas, para se esvaír logo todo o interesse nos mesmos.

Era preciso que se conhecesse o poeta Fernando Pessoa, dizia-me, de Paris, Sá-Carneiro. Eu sabia que o poeta que ele lia não era tão interessante como as linhas escritas por Sá-Carneiro faziam acreditar. Porventura, tudo não passaria de um fenómeno semelhante ao que lhe acontecia com Paris, esta era sempre muito melhor e mais interessante de longe. Lá, tudo não lhe passava de sucessões de *boulevards* e de *bis-trots*. Nada mais. Sá-Carneiro queria que o público conhecesse o poeta, o artista Fernando Pessoa e não apenas o crítico que eu mostrava ser n' *A Águia*. Temia que o segundo prejudicasse o primeiro, pois os leitores, habituados apenas com este, teriam uma estúpida mas instintiva repugnância em aceitar-me como poeta.

Havia o perigo de eu poder ser visto como o crítico-poeta e não como o poeta-crítico, alertava-me Sá-Carneiro. Eu concordava, mas parecia haver uma discrepância entre os meus actos e os meus comandos. Era um dos meus projectos da altura, compilar um livro de poesia, pois só desta forma pretendia que os meus versos fossem divulgados. Tinha versos para mais de um livro, mas não os suficientes para concluir nenhum, pois os poemas eram de correntes diversas. Não havia qualquer possibilidade de dar à estampa num futuro próximo.

Sá-Carneiro, lá de Paris, apesar dos seus problemas tão próximos aos meus, aconselhava-me a publicar n' *A Águia*, para “*prendre date* como poeta”. Mas como poderia eu publicar n' *A Águia* se o eu poeta seguia o “paulismo” e o eu crítico apontava na direcção do “saudosismo”? Era apenas mais uma das opiniões divergentes dos vários eus que me compunham, o crítico defendia uma escola literária que o poeta não seguia.

Por mais que a arca se enchesse, a minha cabeça nunca se esvaziava e não conseguia compilar um livro de versos, nem concluir uma das várias novelas policíacas iniciadas, nem sequer decidir-me se essa deveria ser a minha primeira obra. Eu queria esvaziar a minha cabeça e por isso escrevia tudo, tudo... Já não me bastava “fazer da minha atenção um caderno de apontamentos”, como já explicara, eu tinha de facto de apontar tudo o que ia na minha atenção:

⁷⁸ Fogo-fátuo.

*“Afastai nas janelas a cortina breve
Que menos que à luz a vista só proscreve!
Olhai o vasto campo, como jaz luminoso
Sob o azul poderoso
E limpo, e como aquece numa ardência leve
Que na vista se inscreve!
Já a noiva acordou. Ah como tremer sente
O coração dormente!
Os seios dela arrepanham-se por dentro numa frieza de medo
Mais sentido por crescido nela.”⁷⁹*

E também:

*“O TEU SILÊNCIO é uma nau com todas as velas pandas...
Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso...
E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas
Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...”⁸⁰*

E ainda:

*“A Hora expulsa de si-Tempo! Onda de recuo que invade
O meu abandonar-se a mim próprio até desfalecer,
E recordar tanto o Eu presente que me sinto esquecer!...
Fluido de auréola, transparente de Foi, oco de ter-se...
O Mistério sabe-me a eu ser outro... Luar sobre o não conter-se...
A sentinela é hirta — a lança que finca no chão.”⁸¹*

E mais:

*“Sei que despertei e que ainda durmo. O meu corpo antigo, moído de eu
viver diz-me que é muito cedo ainda... Sinto-me febril de longe. Peso-me,
não sei porquê... Num torpor lícido, pesadamente incorporéio, estagno,
entre o sono e a vigília, num sonho que é uma sombra de sonhar. Minha
atenção boia entre dois mundos e vê cegamente a profundidade de um
mar e a profundidade de um céu; e estas profundezas interpenetram-se,
misturam-se, e eu não sei onde estou nem o que sonho.”⁸²*

⁷⁹ Excerto de *Epitalâmio*.

⁸⁰ Excerto de *Hora Absurda*.

⁸¹ Excerto de *Paúis*.

⁸² Excerto de *Na Floresta do Alheamento/Livro do Desassossego*.

E mais:

*“Deu-me Deus o seu gládio, por que eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra...”*⁸³

Arre! Que um rio nunca se esgota por mais que se deite para o mar. As palavras nunca me cessavam por mais que tentasse ver-me livre delas, despejando-as para o papel. GluGluGluGluGlu.

Quem me dera que a minha cabeça fosse um tonel, onde se faz um furo e o líquido escoava intenso por um tempo e depois diminui de intensidade até cessar e não este rio que nunca pára, esta maré sempre enchente, sem vazante nem estofo!

Ah, porquê todas estas palavras que não param se não as consigo escrever melhor? Porém, ainda que não as escrevendo melhor, o que seria de mim se as não escrevesse? Seria um rio que galga a terra e causa enchentes...?

Tinha vontade de poder agarrar em tudo o que me ia dentro da cabeça, todas as ideias, todos os projectos, todos os versos, todas as vozes, tudo, tudo com as minhas próprias mãos e despejá-los para dentro da arca, para me aliviar por um momento desta sensação de relógio de corda que nunca param de dar à corda. TRRRR-TRRR-TRRR.

— Ou de uma “fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada de dentro da minha cabeça.”

Era isso. Era exactamente isso que eu sentia dentro da minha cabeça!

De pé, encostado à cómoda alta, estava um homem alto. Era aquilo a que se chama um dândi. Usava um monóculo no olho direito, uma bengala como acessório e não como apoio. Havia nele um ar de certa afectação. Tinha cabelos escuros e lisos, perfeitamente penteados com risco ao lado e usava um casaco demasiado cintado, o que acentuava a sua magreza.

— “Os meus pensamentos são todos sensações, penso com os olhos e com os ouvidos, e com as mãos e os pés, e com o nariz e a boca...”

Também era isso. Senti os pensamentos revoltarem-se num afã criativo. Acerquei-me eu também da cómoda alta, onde um segundo

⁸³ Primeiros versos que Fernando Pessoa escreve para *Mensagem, D. Fernando, Infante de Portugal*, 21 de Julho de 1913. Os cinco excertos mencionados são todos de obras iniciadas nesse mesmo ano.

homem aparecera, junto do outro. Era mais baixo do que o primeiro, de pele mais clara e de trajas mais simples. Era louro e os seus olhos azuis tão simples e transparentes quanto um espelho de água.

Levei comigo papéis em branco, como a minha cabeça nunca estava, e comecei a escrever. “E escrevi trinta e tantos poemas a fio numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro.”⁸⁴

Pode parecer absurdo — mas há tanto de absurdo em tanto do que digo e penso que já nada do que digo pode parecer assim tão absurdo —, mas “aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive.”⁸⁵ Depois, findo esses trinta e muitos poemas, inspirado pelo facto de me ter aparecido o meu mestre, peguei noutro papel e escrevi. Era o Fernando Pessoa que escrevia agora. Escrevi então, também de seguida, os seis poemas da *Chuva Oblíqua*. “Imediatamente e totalmente...”⁸⁶ Fernando Pessoa regressava com o surgimento do seu mestre. “Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.”⁸⁷

— “Não tens mais reino que a doada mente.”

Um mestre precisa de discípulos e acabava de aparecer o primeiro. Era Ricardo Reis. Também ele se acercou da cómoda alta. Era um pouco mais baixo do que o mestre Caeiro, tinha cabelos castanhos e olhava-me por cima do aro dos seus óculos.

Contudo, nenhum daqueles, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, era o dândi que continuava a observar-me, encostado à mesma cómoda onde eu escrevia.

— “Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno! Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria! Em fúria fora e dentro de mim.”

Não tive tempo para ficar de queixo caído a olhar para o dândi. Coloquei à pressa o papel na máquina de escrever, embora assim que vi a folha em volta do rolo do aparelho, não me lembrasse de lá o ter posto. Tudo se desenrolava a uma velocidade superior, como se eu estivesse fora do meu corpo e fosse outro que me comandasse. Novamente, senti os pensamentos revoltarem-se num afã criativo, mas agora de um

⁸⁴ Carta a Adolfo Casais Monteiro, 13 de Janeiro de 1935, in *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*.

⁸⁵ *Ibidem*.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ *Ibidem*.

modo mais tumultuoso, como se fervilhassem, “surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos — a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem”⁸⁸.

Reli tudo. Não conseguira esvaziar a minha cabeça completamente, mas aquela fora uma noite tão triunfal quanto a Ode de Campos!

Voltei para a cama e enrolei um cigarro, revivendo as últimas horas através da névoa escura que saía em coluna da minha boca. Uma sensação de languidez começou a entranhar-se, entrando-se-me nos ossos e espalhando-se por todo o meu corpo como tentáculos. Uma sensação de ardor retirou-me subitamente do torpor onde mergulhava. Sobressaltei-me e sacudi sem pensar as cinzas ardentes que tinham caído sobre a camisa de noite para cima do colchão.

A consciência de mim regressou tão subitamente quanto o susto que as cinzas ardentes provocaram. Elas tinham estragado a minha camisa de noite, mas dei por mim contente, mas de um contentamento genuíno, por já não envergar a camisa de dia. A que usara hoje ainda nem estava paga à Camisaria Pitta.

As minhas emoções passaram da crista da onda para a cava. A tia Anica não podia descobrir, senão teria de a ouvir de novo: Já te avisei para não fumares na cama. A cama é para dormirmos, não é para fumarmos!

Era verdade, mas uma cama só é para quem dorme, para quem tem a felicidade de o conseguir fazer. Eu não tinha, por isso podia fumar nela, mas a tia não me compreendia.

Por fim, estava nova e completamente desperto.

— “O que há de mais admirável na sua obra é esse conjunto de seis poemas, essa Chuva Oblíqua.”⁸⁹

Olhei para o lado. Ainda encostado à cómoda, permanecia o dândi, o Álvaro de Campos. Fumava um grosso charuto, sem o ar de quem fumava recordações, e expelia nuvens grossas e negras. Interroguei-me se de manhã a tia Anica poderia cheirar aquele fumo.

— Eu não tenho a certeza absoluta de estar a falar consigo — disse.

— “Mais curioso é o seu caso, que não existe, propriamente falando”⁹⁰
— respondeu-me.

⁸⁸ *Ibidem*.

⁸⁹ Adaptado “E o que há de mais admirável na obra de Fernando Pessoa é esse conjunto de seis poemas, essa Chuva Oblíqua.” In Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa*, vol. II.

⁹⁰ Adaptado “Mais curioso é o seu caso, que não existe, propriamente falando.” In Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa*, vol. II.

— Eu é que não existo? — perguntei para ganhar tempo.

Havia uma falsidade na expressão de Álvaro de Campos que podia evocar qualquer coisa.

— Eu é que não existo? — repeti, atarantado. — Então o senhor o que é?

— “Sou EU, um universo pensante de carne e osso, querendo passar.”

Ele sorriu, soltando entre os lábios outra coluna espessa de fumo negro.

— “Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos, Engenheiro, poeta sensacionista, não sou teu discípulo, não sou teu amigo, não sou teu cantor. Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!”

Calei-me. Talvez o meu caso fosse de facto o mais curioso e eu não existisse propriamente falando, mas continuámos a conversar com toda a irrealidade constante que uma conversa possível com o Engenheiro podia ter.

“Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim.”⁹¹

⁹¹ Carta a Adolfo Casais Monteiro, 13 de Janeiro de 1935, in *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*.